



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JÉSSICA SALVINO MENDES**

**“RAINHAS DA FORMOSURA”: POLÍTICA E BELEZA NOS CONCURSOS  
DE MISS PARAHYBA DO NORTE (1922-1929)**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2016**

**JÉSSICA SALVINO MENDES**

**“RAINHAS DA FORMOSURA”: POLÍTICA E BELEZA NOS CONCURSOS  
DE MISS PARAHYBA DO NORTE (1922-1929)**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a obtenção do título de licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano

CAMPINA GRANDE-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M538 Jéssica Salvino Mendes  
Rainhas da formosura [manuscrito] : política e beleza nos concursos de Miss Parahyba do Norte (1922-1929) / Jessica Salvino Mendes. - 2016.  
66 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano, Departamento de História".

1. Historiografia 2. História Cultural 3. Concurso de Beleza  
4. Parahyba do Norte I. Título.

21. ed. CDD 907.2

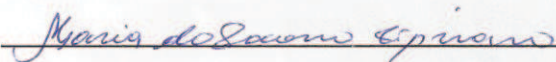
JÉSSICA SALVINO MENDES

**"RAINHAS DA FORMOSURA": POLÍTICA E BELEZA NOS CONCURSOS  
DE MISS PARAHYBA DO NORTE (1922-1929)**

Monografia apresentada ao  
Departamento de História da  
Universidade Estadual da Paraíba  
como pré-requisito para a obtenção  
do título de licenciada em História.

Aprovada em: 24/10/2016.

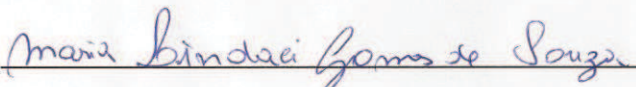
**BANCA EXAMINADORA**



**Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano – DH/UEPB  
ORIENTADORA**



**Profa. Dra. Patrícia Cristina de Araújo Aragão – DH/UEPB  
EXAMINADORA**



**Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza – DH/UEPB  
EXAMINADORA**

CAMPINA GRANDE-PB

2016

Dedico à História, que, através de “sua arte de inventar o passado”, comove-me em todos os encontros com ele.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a um companheiro de toda a vida, que aprendi a chamar de Deus, pela força que tem me dado todos os dias para seguir sempre em frente.

Agradeço a minha mãe, Maria do Socorro Salvino, por ser minha inspiração diária, minha maior referência de mulher; pelo amor, carinho e dedicação, e a meu pai, Gilvandro Mendes, pelo apoio e dedicação nos momentos em que a vida exigiu mais de mim. E agradeço também ao meu irmão, João Victor, pelos bons momentos que a vida ao lado de um irmão tem me proporcionado.

Agradeço à amiga e historiadora Alianna, que conheci no curso de História e que trago comigo até hoje, por nossas conversas, aventuras e gargalhadas diante das coisas boas e más da vida.

Agradeço a minha orientadora, a professora Socorro Cipriano, pela confiança, paciência e carinho em me orientar pelos caminhos pouco conhecidos, mas encantadores dos concursos de beleza e por também ser para mim uma inspiração para a vida docente.

Agradeço ao PIBID de História da UEPB/ Campus I pelos quatro anos de experiência em sala de aula que levarei para toda a vida, em especial à professora e coordenadora do PIBID de História, Auricélia Lopes, pela confiança em mim depositada; ao professor Cícero Agra, pelos ensinamentos e à professora Ivanilda Matias, por me fazer entender os motivos pelos quais estou nesta senda. E não posso deixar de agradecer aos alunos das escolas E.E.E.F.M. Álvaro Gaudêncio de Queiroz e E.E.E.F.M. Professor Raul Córdula, onde o PIBID de História atuou, pelas emoções e ensinamentos que eles me proporcionaram.

Agradeço a todos os professores e professoras do Departamento de História da UEPB/Campus I que passaram pela minha vida, completando minhas manhãs com saberes da Academia e saberes da vida, por fazerem com que eu me apaixonasse pela história todos os dias.

Agradeço, enfim, a todos e todas que passaram pela minha vida ao longo do curso, conhecidos(as) ou desconhecidos(as) que, de alguma forma, me inspiraram e fizeram de mim um ser humano melhor, que acredita na vida e ama a História apesar de tudo.

“Quero brincar meus amigos de ver a beleza nas coisas”.

Hilda Hilst

## “RAINHAS DA FORMOSURA”: POLÍTICA E BELEZA NOS CONCURSOS DE MISS PARAHYBA DO NORTE (1922-1929)

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os concursos de Miss Parahyba do Norte ocorridos no Estado entre os anos de 1922 e 1929, como uma possibilidade de análise histórica, inserindo-os em espaços de poder e tomando-os enquanto eventos políticos, que fabricam gênero segundo Louro (2013) e Gonçalves (2015) e inventam uma estética de beleza para a mulher paraibana. Mediante a análise da revista *Era Nova* e do jornal *A Noite*, com base na historiografia relativa ao tema e nos conceitos de beleza abordados pelas autoras Sant'anna (2005) e Pinsky (2013), que compreendem a *beleza* em termos de "relação" e não como uma essência. Problematizamos o modelo estético característico da década de 1920 discutindo o lugar constituído para a mulher paraibana pautado nos discursos do moderno no Estado da Paraíba naquele contexto. Portanto, este estudo está amparado no campo da História Cultural, que, através de seu alargamento historiográfico, permitiu-nos abordar o tema concurso de beleza na Paraíba sob um novo apontamento.

**Palavras-chave:** Beleza. Miss Parahyba do Norte. Poder Local.



# **“BEAUTÉ DE QUEENS”: POLITIQUE ET BEAUTÉ AU CONCOURS MISS NORTH PARAHYBA (1922-1929)**

## **RÉSUMÉ**

Ce travail vise à analyser les concours du Nord Miss Parahyba eu lieu dans l'État, entre les années 1922 et 1929, comme une possibilité d'analyse historique, les insérer dans des positions de pouvoir, et de les prendre comme des événements politiques, qui produisent le sexe selon Lopes (2013) et Golçalves (2015) et inventer une esthétique de beauté pour paraibana femme. Grâce à l'analyse de la revue était New et le journal nuit, basé sur le thème concernant les concepts de l'historiographie et de beauté couverts par auteurs Sant'anna (2005), et Pinsky (2013), qui comprennent la beauté en termes de relation et non pas comme une essence, problématiser le modèle esthétique caractéristique des années 1920 discutant de l'endroit fait pour paraibana femme gouverné dans le discours moderne dans l'état de Paraíba dans ce contexte. Par conséquent, cette étude est prise en charge dans le domaine de l'histoire culturelle, qui, par son élargissement historiographique, nous a permis d'aborder le concours sous réserve de beauté, Paraíba sous un nouveau rendez-vous.

**Mots-clés:** Beauté. Miss Parahyba du North. Pouvoir Local.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b>	Zézé Leone, Miss Brasil 1922 .....	<b>27</b>
<b>FIGURA 02</b>	Anúncio da revista <i>Era Nova</i> sobre o concurso Miss Parahyba do Norte -1922 .....	<b>35</b>
<b>FIGURA 03</b>	Cupom para votação municipal do Miss Parahyba-1922 .....	<b>36</b>
<b>FIGURA 04</b>	Senhorita Alice Gaudencio, mais bella de São João do Cariri .....	<b>37</b>
<b>FIGURA 05</b>	Senhorita Maria de Lourdes Costa, a mais bella do município de Areia .....	<b>37</b>
<b>FIGURA 06</b>	Anúncio da revista <i>Era Nova</i> sobre o encerramento da primeira fase do concurso Miss Parahyba-1922 .....	<b>38</b>
<b>FIGURA 07</b>	Senhora Stella Caçador Sthael, 1º lugar no concurso de Miss Parahyba do Norte -1922 .....	<b>41</b>
<b>FIGURA 08</b>	Senhorita Hilda Netto, 2º lugar no concurso de Miss Parahyba do Norte -1922 .....	<b>41</b>
<b>FIGURA 09</b>	Senhorita Maria Eulina Vieira, 3º lugar no concurso Miss Parahyba do Norte -1922 .....	<b>41</b>
<b>FIGURA 10</b>	Esther Vergara Mendonça - concurso de Miss Parahyba do Norte -1922 .....	<b>41</b>
<b>FIGURA 11</b>	Senhorita Ignez de Lucena, 5ª colocada no concurso de Miss Parahyba do Norte -1922 .....	<b>41</b>
<b>FIGURA 12</b>	Cartaz com a Miss Parahyba do Norte -1922 .....	<b>44</b>
<b>FIGURA 13</b>	Fotografia da senhorita Anayde Beiriz aos 17 anos, diplomada pela Escola Normal, para a Revista Era Nova .....	<b>48</b>
<b>FIGURA 14</b>	Senhorita Clara Otto .....	<b>49</b>
<b>FIGURA 15</b>	Senhorita Hilda Netto, no concurso de beleza Miss Parahyba- 1922 .....	<b>56</b>
<b>FIGURA 16</b>	Senhorita Eimar Pinto Pessoa, candidata a Miss Parahyba do Norte-1929 .....	<b>58</b>
<b>FIGURA 17</b>	Eimar Pinto Pessoa em companhia de seus familiares, integrantes do jornal <i>A Noite</i> e admiradores, em sua chegada ao Rio de Janeiro .....	<b>59</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

**EEEFM** – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

**IHGB** – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

**PIBID** – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

**SANBRA** – Multinacional Sociedade Algodoeira do Nordeste

**UEPB** – Universidade Estadual da Paraíba

**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
<b>CAPÍTULO I</b> <b>POR UMA HISTORIOGRAFIA DOS CONCURSOS DE BELEZA FEMININA: NOVOS OLHARES PARA A BELEZA .....</b>	<b>17</b>
1.1 Apontamentos historiográficos dos concursos de beleza feminina: identidade, nacionalismo, feminilidade, ritual e moralismo .....	17
1.2 Apontamentos historiográficos sobre concursos de beleza feminina no Brasil: poder, economia e comportamento .....	19
<b>CAPÍTULO II</b> <b>AS “RAINHAS DA FORMOSURA” NAS PÁGINAS DE UMA NOVA ERA: O CONCURSO DE MISS PARAHYBA DO NORTE DE 1922 E O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA .....</b>	<b>26</b>
2.1 Concurso de beleza de 1922 e as comemorações do Centenário da Independência .....	26
2.2 As comemorações do Centenário na Parahyba e o Miss Parahyba do Norte – 1922 como evento político .....	30
<b>CAPÍTULO III</b> <b>ALIANCISTAS <i>VERSUS</i> PERREPISTAS: O CONCURSO DE MISS PARAHYBA DO NORTE – 1929 E A BELEZA NA DISPUTA PARTIDÁRIA PELO PODER LOCAL .....</b>	<b>45</b>
3.1 A “Revolução” de 1930 no contexto nacional .....	45
3.2 Concurso Miss Parahyba do Norte – 1929: beleza como espaço de jogo político entre aliancistas e perrepistas .....	46
3.2.1 Cenários de tensão política e a escolha da mais bela paraibana.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
REFERÊNCIAS .....	62
FONTES .....	64

## INTRODUÇÃO

“Um corpo de veludo, as pernas de cetim  
A boca de cereja e os dentes de marfim [...]”  
Miss Brasil 2000!”<sup>1</sup>

O trecho citado acima pertence à canção *Miss Brasil: 2000*, interpretada pela cantora Rita Lee. A música, ao destacar as características do corpo de veludo, das pernas de cetim, da boca de cereja e dos dentes de marfim da Miss que é assim descrita na canção, aponta e tece críticas em torno da construção de uma estética para a mulher brasileira, através dos concursos de beleza, neste caso, o concurso de Miss Brasil. Revela ainda uma crítica velada aos concursos de beleza feminina e explicita uma tendência dos estudos feministas da segunda onda do movimento nas décadas de 1960 e 1970. Para as feministas, estes eventos de beleza eram nocivos para a mulher, pois expunham corpos e criavam padrões que resultavam em imagens de belezas fabricadas contra as próprias mulheres.

Foi com este discurso, voltado apenas para a crítica à estética, que os concursos de beleza feminina até o final da década de 1990 foram estudados. Por meio de estudos antropológicos desenvolvidos nos Estados Unidos e, mais tarde, no final dos anos 2000, através das contribuições da História, na Argentina e no Brasil, esses eventos de beleza para a escolha de uma Miss ou de uma Rainha passaram a ser analisados como eventos políticos, econômicos e de poder que fabricam práticas e discursos de gênero, de estética, identidade, nacionalismo, localismo, maternidade e moralismo para a mulher.

Dentre as poucas pesquisas existentes no Brasil sobre concursos de beleza, a partir desta nova abordagem, encontramos a tese de doutorado *Majestades da cidade princesa: concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa, Paraná (1970-1980)*, da historiadora paranaense Adriana Mello Cançado (2008), além da tese de doutorado em andamento *Ninguém nasce bela, torna-se bela: as passarelas como espaço de construção de gênero no concurso de Miss Brasil (1950-1972)*, do historiador fluminense José Ricardo Ferraz. Outros

---

<sup>1</sup> MARCUCCI, Lee; LEE, Rita. Miss Brasil 2000. Intérprete: Rita Lee. In: **Babilônia**. São Paulo: Som Livre, 1978. 1 CD. Faixa 01.

raros estudos brasileiros pertencentes às áreas da Antropologia, da economia doméstica e da moda, apenas se aproximam desta nova proposta de análise para concursos de beleza feminina. A lacuna historiográfica sobre concursos de beleza feminina abordados como eventos políticos e econômicos, como também de poder, e as teses de doutorado acima citadas justificam a escolha de nosso tema.

Acreditamos que esta lacuna na historiografia brasileira, bem como a ausência de pesquisas acadêmicas na área de história sobre concursos de beleza, não ocorre pela carência de fontes, que existem em número significativo, mas sim pela falta de bibliografia sobre o tema e a nova abordagem proposta para ele.

Na Paraíba, sobre concursos de beleza, encontramos a obra jornalística *Elas só citavam o pequeno príncipe: a história dos concursos de Miss Brasil e Miss Paraíba*, do jornalista Wills Leal (2003), referência a partir da qual estamos partindo para alargar e contribuir historiograficamente com o tema.

E é justamente a partir deste novo olhar voltado para os concursos de beleza que tecemos nossa pesquisa sobre os concursos de Miss Parahyba do Norte<sup>2</sup>, ocorridos entre os anos de 1922 e 1929, no Estado. Este recorte temporal se justifica a partir das comemorações estaduais do Centenário da Independência, uma festa política ocorrida no ano de 1922, e as disputas políticas e partidárias entre aliancistas e perrepistas pelo poder local na Parahyba no ano do ano de 1929.

Nossa pesquisa se encontra no campo da História Cultural, que, inserida em novos paradigmas e abordagens, permitiu a emergência de “novos” sujeitos e a ampliação do uso das fontes na historiografia. Nesse sentido, empregamos o conceito de beleza através dos apontamentos, feitos por Sant’anna (2013) e Pinsky (2013) que ao se distanciarem do conceito de beleza enquanto uma essência, o compreendem por meio da perspectiva da história cultural, como uma construção a partir de suas relações com a sociedade. Também fizemos uso do conceito de gênero, discutido por Louro

---

<sup>2</sup> É necessário esclarecer que Parahyba do Norte era o nome dado ao Estado ou província da Paraíba no contexto de nossa pesquisa. O termo Parahyba, por sua vez, refere-se à capital do Estado, a cidade da Parahyba, assim nomeada. Com a morte de João Pessoa no ano de 1930, a capital do Estado passou a ser denominada pelo seu nome.

(2013) e Gonçalves (2015) para análise da mulher paraibana e sua relação com a sociedade no contexto histórico desta pesquisa.

Assim sendo, nosso objetivo principal é analisar estes concursos de Miss Parahyba do Norte não apenas como meros eventos de beleza, mas como eventos políticos, situados no contexto histórico que envolveu as famílias e os grupos partidários do Estado. Neste viés, propomo-nos a desconstruir os discursos que abordam concursos de beleza como eventos frívolos, analisando-os como interesseiros, onde a partir das relações de poder local na Paraíba, fabricavam modelos de beleza e de feminilidade ao eleger a mais bela para a mulher paraibana.

“Rainhas da formosura”: eis o título atribuído nos periódicos às paraibanas eleitas mais belas entre todas que participavam dos concursos de Miss Parahyba do Norte, aqui estudados, com maior destaque para as misses do concurso de 1922.

Para tanto, investigamos a revista ilustrada *Era Nova*, periódico quinzenal que circulou no Estado da Paraíba entre 1921 e 1926, responsável pela organização e divulgação do concurso de Miss do Norte de 1922. Foram também analisadas as fontes do jornal diário *A Noite* sobre o concurso de Miss Parahyba do Norte de 1929. Mesmo sendo um jornal que circulava no Rio de Janeiro, *A Noite*, tendo por atribuição organizar o Miss Brasil -1929, registrou, por meio de seu “serviço especial”, todas as etapas municipais e estaduais do concurso, inclusive no Estado da Paraíba.

Sendo assim, nossa metodologia parte do estudo sobre fontes impressas e periódicos, proposto por Luca (2005). Privilegiamos a revista ilustrada e o jornal citados acima, partindo dos seus lugares de produção, públicos leitores e discursos produzidos sobre os concursos de Miss, bem como da análise das fotos das Misses Parahyba, a partir dos apontamentos de Carvalho e Lima (2013) sobre o uso social e historiográfico da fotografia.

No capítulo I, *Por uma historiografia dos concursos de beleza feminina: novos olhares para a beleza*, buscamos mapear as produções estrangeiras e brasileiras sobre concursos de beleza, sejam eles de Rainhas ou de Misses, desenvolvidos a partir da ótica da política, da economia e do poder.

Já no capítulo II. *“As rainhas da formosura” nas páginas de uma Era Nova: o concurso de Miss Parahyba do Norte -1922 e o Centenário da*

*Independência*, analisamos, através do contexto da modernidade, o concurso de Miss Parahyba do Norte -1922, organizado pela revista *Era Nova*, e sua relação com a festa política em comemoração ao Centenário da Independência.

Por fim, no capítulo III, *Aliancistas versus perrepistas: o concurso de Miss Parahyba -1929 e a beleza na disputa partidária pelo poder local*, investigamos, por meio do jornal *A Noite*, como o concurso de Miss Parahyba do Norte do ano de 1929 se tornou um evento político, através das tensões partidárias pelo poder entre aliancistas e perrepistas.



## CAPÍTULO I

### **POR UMA HISTORIGRAFIA DOS CONCURSOS DE BELEZA FEMININA: NOVOS OLHARES PARA A BELEZA**

#### **1.1 Apontamentos historiográficos dos concursos de beleza feminina: identidade, nacionalismo, feminilidade, ritual e moralismo**

Segundo a antropóloga Ana Maria Fonseca Batista (2013), para o movimento feminista das décadas de 1960 e 1970, os concursos de beleza eram eventos que reduziam corpos femininos esquadrihados a objetos sexuais sem voz, que estimulavam o consumo de cosméticos e construíam padrões de comportamento. Exemplo desse posicionamento pode ser observado no livro da escritora norte-americana Naomi Wolf, *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, publicado em 1991 e considerado uma referência para a crítica em relação aos rígidos padrões de beleza que vigoravam naquele contexto. Segundo a autora:

A beleza [...] não é vista como fato natural, mas como um construto, e os concursos de beleza são todos deletérios para as mulheres, uma vez que não passam de mais uma maneira de utilizar imagens de beleza contra elas mesmas (BATISTA, 2013 apud WOLF, 1991, p. 58).

Para Naomi Wolf (1991), os concursos de beleza eram vistos sob a ótica da crítica feminista de 1960 e 1970 por cumprir o papel de divulgadores do “mito da beleza”. A partir do final da década de 1990, os estudos produzidos na Antropologia e, mais tarde, na História explicitam que os concursos de beleza feminina passam a ser vistos como eventos complexos que envolvem as esferas do político e do econômico, através de redes de relações de poder que constroem discursos de gênero, estética, comportamento e identidade. Os concursos não deixaram de ser estudados como eventos que constroem padrões de feminilidade: o que ocorre a partir desta década são análises mais aprofundadas que apontam estes eventos para além da beleza e da frivolidade.

A tese de doutorado *Majestade da cidade princesa: concursos de Rainha da Soja de Ponta Grossa, Paraná (1970-1980)*, da historiadora

paranaense Adriana Mello Cançado (2008), representa este alargamento teórico. A partir de seu estudo, foi possível aproximar teoricamente os concursos de beleza feminina dos aspectos políticos e econômicos que os envolvem. A historiadora define concursos de beleza como “competições que ao final, elegem uma miss ou uma rainha” (CANÇADO, 2008, p. 27).

Ela alerta que todos os concursos de Miss podem ser concursos de beleza, mas nem todos os concursos de beleza são concursos de Miss. Nestes últimos, “a beleza estética é o ponto central e o corpo feminino, rigidamente medido, é amplamente exibido durante a competição em trajes de banho” (CANÇADO, 2008, p. 27). A historiadora ainda afirma que:

Apesar de semelhantes, num primeiro olhar, as modalidades diferem em sutis nuances no formato, no conjunto de elementos que os objetivam e no sistema de significações instituído e instituinte de outras relações sociais (CANÇADO, 2008, p. 27).

Ao recorrer a uma bibliografia estrangeira, uma vez que, no Brasil, essa temática é escassamente trabalhada, Cançado (2008) se apropria dos estudos antropológicos norte-americanos e referenciais historiográficos argentinos sobre concursos de beleza feminina para tecer sua tese.

Dessa forma, a autora, ao estudar a obra norte-americana *Beauty Queens on the Global Stage: gender, contests and Power*, de Cohen (1996), que envolve estudos sobre concursos de beleza feminina realizados em 14 países do mundo de culturas distintas, evidenciou estes concursos como eventos rituais de poder, nos quais são fabricadas identidades femininas, ideais de nacionalismo e padrões de consumo que elegem uma Rainha ou uma Miss.

Ao investigar a obra argentina *Cuando las mujeres reinaban: belleza, virtud y poder na Argentina do siglo XX*, Adriana Mello Cançado (2005) analisou os estudos sobre as práticas trabalhistas relacionadas à cultura durante o primeiro governo de Juan Domingo Perón (1945-1955), organizados pela historiadora Mirta Zaida Lobato, através de concursos de beleza realizados na área urbana ou rural da Argentina em que as mulheres da classe trabalhadora, fossem elas operárias ou agricultoras, eram eleitas Rainhas. Estes eventos de beleza associavam-se a festas nacionais e regionais

argentinas, ocasião em que eram produzidos ideais regionalistas, nacionalistas e moralistas que reforçavam o casamento e a maternidade, os quais deveriam servir como referência para todas as mulheres argentinas.

Isto posto, podemos constatar que, apoiados na Antropologia norte-americana e na historiografia argentina, estes estudos das últimas duas décadas se encontram de acordo com os novos apontamentos sobre concursos de beleza feminina. Em consonância com as análises sobre a estética, estes novos apontamentos envolvem questões de gênero, ritual, consumo, moralidade, controle, nacionalismo, localismo, poder, virtude, maternidade, raciais e de classe, contrariando os argumentos de que estes concursos de beleza feminina não passam de eventos triviais, que apenas reproduzem padrões de beleza.

## **1.2 Apontamentos historiográficos sobre concursos de beleza feminina no Brasil: poder, economia e comportamento**

Segundo pesquisa bibliográfica que realizamos sobre os estudos acerca dos concursos de beleza feminina no Brasil, o livro *Miss Universo: um olhar antropológico* (2013), fruto da dissertação de mestrado *O telefone sem fio, a sobrinha do presidente e as duas polegadas a mais: concepções de beleza no concurso Miss Universo*, da antropóloga Ana Maria Fonseca Batista (1997), aparece como um dos primeiros trabalhos sobre eventos baseados em uma estética e construtores de gênero analisados pela ótica foucaultiana, no tocante à forma como sua concepção de poder é apropriada. Batista (2013) diverge do olhar da segunda onda feminista da década de 1960, que enxerga a prática do poder exercida nos concursos de beleza de forma hierarquizada, norteadas por uma cultura de “dominação masculina”, ou seja, o poder partindo de cima para baixo. A antropóloga afirma que:

Não existe miss como um “instrumento inconsciente” a serviço da “orquestra”. Afinal de contas, o poder é relacional, o que existe são relações de poder. As misses se beneficiam do concurso (as premiações e as oportunidades realmente existem) e sua própria construção como misses pressupõe o desenvolvimento e utilização de um modo de ser que é estratégico (BATISTA, 2013, p. 158).

A partir do estudo etnográfico realizado sobre o Miss Universo da década de 1950 até a década de 1990, a antropóloga analisou como este evento baseado na naturalização da beleza construiu identidades de gênero para a mulher. Para tanto, foram analisados os discursos da imprensa escrita e televisiva norte-americana e brasileira. Estes discursos se modificaram ao longo das quatro décadas estudadas de acordo com o contexto de cada época; porém, sempre naturalizaram a representação da mulher na sociedade, reforçando as ideais de comportamento e, principalmente, de maternidade e casamento.

Contudo, mesmo observando a beleza enquanto produtora de gênero e os concursos como reforçadores de modelos, Batista (2013) indica que esta construção parte dos vários atores sociais que compõem os concursos de beleza. A autora compreende:

o Miss Universo [...] como um espaço de Construção de Gênero, entendendo-se 'espaço' de uma forma amplamente dialógica, onde há absorção e reforço de modelos e onde contam contextos, atores sociais, estilos etc., cabendo, em última análise, aos atores sociais a responsabilidade por essa construção. São eles que recebem os modelos de Miss Universo, deles se apropriam e sobre eles exercem também influência (BATISTA, 2013, p. 159).

A já citada tese *Majestades da cidade princesa: concurso Rainha da Soja, Paraná (1970-1980)*, de Adriana Mello Cançado (2008), é o estudo sobre concursos de beleza feminina que mais se aproxima da discussão teórica proposta neste trabalho. Ao estudar o concurso de Rainha da Soja, realizado na cidade de Ponta Grossa nos anos de 1970 a 1980, a historiadora paranaense analisou os concursos de beleza como espaços rituais estabelecidos sob o poder econômico e político, através de corpos femininos que constroem discursos de gênero, identidade, comportamento e classe social, desconstruindo a imagem dos concursos de beleza como eventos frívolos.

O concurso ocorria dentro das festividades do “Encontro com a Soja”, organizado pela prefeitura municipal de Ponta Grossa e pela Multinacional Sociedade Algodoeira do Nordeste (SANBRA). Reunia empresários da área e

tinha como objetivo eleger uma Rainha que representasse a Multinacional e o desenvolvimento trazido pela soja ao município de Ponta Grossa. No concurso de Rainha da Soja, jovens da elite da região dos Campos Gerais eram escolhidas em clubes recreativos, bailes e instituições sociais da cidade para se tornarem candidatas.

Depois de escolhidas, as candidatas iniciavam o processo de preparação para o evento, que incluía entrevistas à imprensa, sessões de fotos, idas a salões de beleza, escolha e prova de roupas, comparecimento a festas oferecidas pelos patrocinadores e leituras sobre a soja. O regulamento do concurso apontava que as candidatas deveriam ter conhecimento sobre a soja, além de fluência verbal, desenvoltura e beleza em seu traje e caminhar. Nas entrelinhas, as práticas comportamentais que envolviam a civilidade, a moralidade, a feminilidade e o controle da sexualidade, naturalizadas pela sociedade local, deveriam ser rigidamente seguidas, uma vez que, em caso de descumprimento, as jovens seriam desclassificadas.

A etapa final do concurso resultava em um baile para a coroação da jovem escolhida Rainha. Depois de coroada, a Rainha da Soja passava a representar a multinacional SANBRA e, conseqüentemente, o desenvolvimento que fazia da cidade Ponta Grossa a maior beneficiadora de grãos da América Latina naquela época. Isto reforçava os discursos de progresso que serviam para recuperar o prestígio da cidade, que havia perdido sua importância comercial após a crise de erva mate e madeira, seus principais produtos de exportação, além da consolidação do ciclo do café direcionado para a região Norte do Estado do Paraná.

Ao volver o olhar para o concurso de Miss, José Ricardo Ferraz, doutorando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desenvolve desde do ano de 2012 a tese *Ninguém nasce bela, torna-se bela: as passarelas como espaço de produção de gênero no concurso de Miss Brasil (1950-1972)*.

No artigo *Ninguém nasce bela, torna-se bela: Miss Brasil: Beleza e Gênero (1950-1980)*, publicado no ano de 2015 pela revista *Dossiê Transversais: O corpo na História e a História no corpo*, o historiador abordou o concurso de Miss Brasil a partir das concepções de gênero e corpo. A discussão da categoria gênero permitiu questionamentos sobre os modelos de

mulher produzidos nos concursos. As abordagens sobre o corpo permitiram a análise dos corpos das candidatas como corpos dóceis, submetidos a disciplinas, medidos rigorosamente através da altura, peso, tamanho do busto, cintura, quadris, coxas e tornozelos. Dessa forma:

[...] o ritual do concurso aparece como um dispositivo que seleciona qualidades, estabelece ausências e presenças, vigia comportamentos, avalia e estabelece modelos para corpos que mais disciplinados garantem a obediência e hierarquizam (FERRAZ, 2015, p. 75).

Segundo o historiador, nos chamados anos dourados, período de maior sucesso dos concursos de Miss no Brasil, outros concursos de beleza ocorriam a partir de critérios diferenciados. Este foi o caso do Miss Suéter, em que as candidatas exibiam seus corpos de forma recatada, a fim de representar uma beleza ingênua, seguindo os padrões de recato exigidos pela moral dominante da década de 1950. O Concurso de Miss Brasil também seguia os valores e “bons” costumes da época:

[...] foi um dispositivo pelo qual se criou e se modelou, não apenas um novo *sujeito*, a Miss, mas também outras categorias como a beleza, a pureza e a feminilidade, já que a eleita representava ao mesmo tempo a beleza física agregada aos valores sociais mais importantes do período (a virgindade, a simpatia, e acima de tudo confirmar valores que se esperavam de uma moça de reputação e de boa família) (FERRAZ, 2015, p. 79. Grifo do autor).

Todavia, assim como a antropóloga Ana Maria Batista Fonseca de Oliveira, Ferraz (2015) fez uso do conceito de poder a partir da teoria do filósofo francês Michel Foucault. Ao analisar o poder nos concursos de beleza “[...] como uma *rede de práticas*, [...] que não se dá, não se troca nem se retoma, mas se *exerce*” (FERRAZ, 2015, p. 77. Grifos do autor). Depreende-se que o poder nos concursos de beleza não é opressor. Embora num primeiro olhar ele pareça hierarquizado, a forma como ele é vivenciado é exercida por todos que dele participam, sejam as candidatas, os organizadores ou o público.

Neste viés do poder, Ferraz (2015) relata que o estádio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, nos dias dos concursos de Miss Brasil,

ficava lotado por uma plateia formada por parentes das candidatas ao título, famílias de classe média e até mesmo empresários, que poderiam ocupar, ao lado de nomes importantes da sociedade brasileira, como o poeta Manuel Bandeira no concurso que elegeu Martha Rocha, o júri do evento, cuja escolha de seus membros envolvia questões políticas antes mesmo de ser composto.

Através das experiências e vivências de quatro jovens eleitas Rainhas do Milho na década de 1950 na cidade de Patos de Minas, em Minas Gerais, o design de moda Rodrigo Fonseca Caixeta (2015) investigou, a partir de sua dissertação de mestrado *Concursos de beleza e a socialização feminina nos “anos dourados”*, a construção do comportamento e da estética feminina daquele contexto através do evento de beleza. Segundo o autor:

Diferentemente da relação percebida na atualidade entre vaidade, status e notoriedade absoluta como fim em si, os concursos de beleza dos anos dourados tinham uma representação carregada de outros valores caros a sociedade (CAIXETA, 2015, p. 80).

Estes “valores caros à sociedade”, referidos pelo autor, estavam ligados ao comportamento das jovens da época, configurando-se como ações objetivas pertencentes às condutas sociais subjetivamente incorporadas por elas, que, caso não fossem cumpridas, as excluiriam dos eventos de seus meios sociais. Valores comportamentais como o recato, a descrição, por exemplo. Através do conceito de *habitus*<sup>3</sup>, do sociólogo Pierre Bourdieu, Caixeta (2015) afirma que:

Aquelas moças podiam assumir um comportamento cordial (estrutura estruturada), de forma a manterem sua reputação preservada (estrutura estruturante), e ainda as próprias atitudes de umas levarem outras a agirem da mesma forma, principalmente em relação à paquera e na relação como os rapazes (CAIXETA, 2015, p. 77).

Em relação aos cuidados estéticos, o autor aponta que, adotando o discurso de “modernidade” da década de 1950, revistas femininas anunciavam

---

<sup>3</sup> “Enquanto sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas (objetivos) predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes (subjetivas), isto é, como princípio gerador e estruturador de práticas e representações” (CAIXETA, 2015 apud BOURDIEU, 1983, p. 76).



que tanto jovens solteiras quanto mulheres casadas não deveriam descuidar de sua aparência, fazendo uso de cremes, perfumes e maquiagem, sempre de forma adequada, a fim de que fosse mantido o recato exigido de mulheres de família da época.

A escolha da Rainha do Milho ocorria no evento da Festa Nacional do Milho. Realizado pela primeira vez no ano de 1959, o evento foi inspirado na Festa da Uva do Rio Grande do Sul. Como a região de Patos de Minas era produtora de grãos e milho, seus idealizadores, pertencentes à elite local, acharam conveniente atribuir o simbolismo do milho à festividade.

O concurso de Rainha do Milho se diferencia bastante dos concursos de beleza citados anteriormente, em seu objetivo de arrecadar fundos para obras sociais e da Igreja e em sua forma, em que a escolha da Rainha ocorria através da venda de mesas para o baile. A candidata que vendesse mais mesas seria a vencedora. Senhoras pertencentes à elite de Patos de Minas ligadas a associações de caridade e à Igreja se responsabilizavam pela preparação das jovens ao título, organizando a confecção dos trajes típicos utilizados pelas candidatas nos desfiles de rua, que ocorriam no turno diurno, em carros alegóricos decorados com o milho e sua palha. À noite, ocorria o baile que coroaria a Rainha do Milho. Uma vez Rainha, além de contribuir para as obras de Igreja, a jovem deveria participar de eventos da região.

Como foi possível observar, a partir do final da década de 1990 e no decorrer dos anos 2000, os estudos norte-americano, argentino e brasileiro citados ao longo do capítulo sobre concursos de beleza feminina analisados a partir da economia, da política e das relações de poder neles envolvidas ainda são escassos. Entretanto, seja investigando concursos de Misses ou de Rainhas, as poucas produções acadêmicas apontam as intencionalidades destes eventos de beleza a partir da problematização proposta para construções e reafirmações de gênero, comportamento e estética, o que desconstrói a ideia de que concursos de beleza são eventos frívolos e manipuladores.

Na Paraíba, encontramos a obra *Elas só citavam o pequeno príncipe: a história dos concursos de Miss Brasil e Miss Paraíba* (LEAL, 2003). Escrito pelo jornalista paraibano Wills Leal, o livro percorre os concursos de Miss Brasil e Miss Paraíba, desde suas origens, no início do século XX, até o ano de 2003.



São relatados detalhes sobre a organização dos concursos, os corpos de jurados e a próprias Miss. Mesmo se distanciando das propostas de análise apresentadas nos parágrafos anteriores, este livro, ao mapear os concursos de Miss ocorridos na Paraíba, contribuiu para nossa pesquisa, pois nele constam detalhes sobre como ocorreu o Miss Parahyba do Norte -1922. Além disso, é citada a disputa partidária entre aliancistas e perrepistas no Miss Parahyba do Norte -1929.

Portanto, a partir desta breve incursão historiográfica e dos relatos encontrados na obra jornalística de Wills Leal, foi possível fundamentar os aspectos políticos, comportamentais e estéticos envolvidos em redes de poder, que estruturavam os dois concursos de beleza feminina aqui estudados.

## CAPÍTULO II

### AS “RAINHAS DA FORMOSURA” NAS PÁGINAS DE UMA ERA NOVA: O CONCURSO DE MISS PARAHYBA DO NORTE DE 1922 E O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

#### 2.1 Concurso de beleza de 1922 e as comemorações do Centenário da Independência

O início do século XX para o Brasil foi de intensas transformações no contexto geral da sociedade. Com a instauração da República no ano de 1889, o país influenciado pelos discursos do progresso e da modernidade que chegavam da Europa e dos Estados Unidos, e que aqui se tornaram símbolos de civilidade, empreendeu diversas reformas urbanas, adotou modos e modas estrangeiros, que modificaram as práticas de sociabilidade e o comportamento da sociedade brasileira, em especial para aqueles que habitavam os espaços urbanos do país. Sendo assim, segundo o historiador Nicolau Sevcenko (1998), na década de 1920, algumas capitais brasileiras viveram sua “bela época”<sup>4</sup>.

O discurso da modernidade, apoiado no progresso, modificou de maneira particular os espaços urbanos e as vivências de diversas capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e também a Paraíba.

Mas é importante destacar que não foram apenas os espaços urbanos que sofreram modificações em decorrência das transformações urbanas, guiadas pelo sonho da modernização. Para Carla Bassanezzi Pisky (2013), a tríade da “juventude, beleza e saúde” legitimada pelos novos discursos médicos da época modificou a forma como homens e mulheres brasileiros passaram a vivenciar o cuidado com seus corpos.

A publicidade veiculada nos jornais e nas modernas revistas ilustradas<sup>5</sup> da década de 1920 incentivava o uso de tônicos, elixires, xampus, pó de arroz,

---

<sup>4</sup> Esse período abrangia, grosso modo, de 1900 a 1920 e assinala a introdução no país de novos padrões de consumo, instigados por uma nascente mais agressiva onda publicitária, além desse extraordinário dínamo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, difusão de práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais e, por último, mas não menos importante, a popularização do cinema (SEVCENKO, 1998, p. 37).

<sup>5</sup> As primeiras revistas ilustradas chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e início do século XX, com a inserção de fotografias e ilustrações nos antigos folhetins do século XIX. A abordagem de temas como política, esporte e literatura passaram a fazer parte destes diferenciados periódicos, que se tornaram divulgadores da fotografia no Brasil.

tinturas, descolorantes e pomadas. Assim como incitava a prática moderada de exercícios físicos, caminhadas ao ar livre e banhos de sol, a fim de que homens e mulheres pudessem se tornar saudáveis, jovens e belos para o ritmo acelerado que a vida moderna exigia.

Foi esse cenário nacional da modernidade e de discursos médicos que legitimavam as novas formas de vivenciar o corpo que as primeiras revistas ilustradas da década de 1920 possibilitaram o aparecimento dos concursos de beleza feminina<sup>6</sup> daquela década, quando ocorreu o concurso de beleza nacional do ano de 1922, o Miss Brasil do Norte -1922<sup>7</sup>, onde a santista Maria José Leone, mais conhecida como Zézé Leone, foi eleita a mais bela<sup>8</sup>.

**FIGURA 01:** Zézé Leone, Miss Brasil 1922.



**Fonte:** <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/venus-uma-homenagem-a-1%C2%AA-miss-brasil-zeze-leone>>.

---

<sup>6</sup> “O marco mais notável do novo culto à juventude, à saúde, ao vigor físico e à formosura [...] o surgimento dos concursos de beleza feminina, que se tornaram rapidamente filões da grande imprensa e uma mania nacional” (SEVCENKO, 1998, p. 578).

<sup>7</sup> Segundo o historiador José Ricardo Ferraz (2011), este evento foi organizado pelo jornal *A Noite* e pelo periódico ilustrado *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro, em decorrência das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, no ano de 1922. Este concurso de cunho nacional mobilizou as capitais brasileiras para a escolha da mais bela de cada Estado, a fim de que esta pudesse representar a beleza da mulher brasileira.

<sup>8</sup> Segundo Batista (2013), o primeiro concurso de beleza realizado no Brasil aconteceu no ano de 1900. Este evento não era realizado aos moldes dos concursos atuais. Nele, moças da elite fluminense enviaram fotos ao *Jornal do Ouvidor*, que as divulgava para votação da mais bela. A escolhida daquele ano foi a senhorita Violeta Lima Castro.

Como podemos observar na fotografia da senhorita Zezé Leone, os cabelos curtos e o batom nos lábios em formato de coração representavam a moderna década de 1920, que, a partir dos discursos médicos autorizando a mulher à prática de exercícios físicos, permitiu-lhe o uso de roupas leves, como vestidos na altura do joelho, a fim de que se atingissem os ideais de saúde veiculados em revistas e jornais da época. Esses ideais também representavam a influência do cinema hollywoodiano, que se tornou referência na construção da aparência de homens e mulheres. Neste viés, Sant'anna (2013) elucida que:

A chegada dos automóveis, a popularização dos esportes e o sucesso das estrelas hollywoodianas favoreceram a moda dos cabelos curtos, das roupas mais práticas e dos lábios maquiados em formato de coração (SANT'ANNA, 2013, p.109).

Na Paraíba da década de 1920, a revista *Era Nova*, um periódico quinzenal fundado em 27 de março de 1921 na cidade de Bananeiras pelo senhor Severino Lucena, teve sua fundação logo transferida para a capital do Estado. Esta revista pode ser considerada um símbolo no processo de modernização da Paraíba. Destinada a um público leitor específico - a elite social paraibana -, a revista foi um dos periódicos paraibanos que mais se apropriou e reproduziu os discursos da modernidade, incentivando paraibanos e paraibanas a consumirem produtos e cosméticos que, segundo os discursos dos anúncios, garantiam saúde e juventude. Para a historiadora Alômia Abrantes:

Como símbolo de uma época de modernização, *Era Nova* apresentava-se como uma espécie de álbum social, e oferecia a uma elite letrada e urbana uma possibilidade nova de inscrição e projeção social (ABRANTES, 2016, p.162).

Inscrevendo-se como símbolo do moderno na imprensa paraibana, a *Era Nova* ficou responsável pela organização do concurso estadual de Miss Parayba do Norte - 1922, que deveria revelar a mais bela paraibana para a disputa do evento de beleza nacional.

Mas, para que possamos compreender os significados produzidos pelo concurso de beleza de 1922 e seus efeitos na Paraíba, é necessário que analisemos a festa a partir da qual o concurso é idealizado, com destaque para as comemorações do Centenário da Independência.

Para o historiador paraibano Fabrício de Souza Morais (2010), o governo do presidente Epitácio Pessoa, baseando-se na festa do Centenário da Revolução Francesa em 1889, promoveu no Brasil entre os meses de setembro e dezembro de 1922 a Exposição Internacional do I Centenário da Independência do Brasil. A exposição, que contava com a divulgação dos principais artigos regionais produzidos em cada Estado, recebeu no Rio de Janeiro comissões de várias localidades do país.

Seguindo os passos da modernidade, foi na referida Exposição que o Brasil realizou sua primeira transmissão de rádio a partir do discurso presidencial do Sete de Setembro, que foi ouvido ao longo dos 80 receptores distribuídos na Exposição, vindos dos Estados Unidos especialmente para os festejos do Centenário. Segundo Morais (2010), o principal objetivo do Brasil com as Comemorações do Centenário era mostrar o país ao mundo, a partir dos discursos da modernidade em voga desde o começo do século XX, como o progresso fazia parte da realidade do país.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o (IHGB), com sede na capital do país, foi o órgão responsável pela seleção dos fatos históricos ditos “verdadeiros” e, portanto, legítimos de serem contados na festa de Comemoração do Centenário. A decisão do IGPH para a seleção destes fatos históricos partiu de um princípio pedagógico “[...] que buscava transmitir valores cívicos à população” (SANDERS, 2000 apud MORAIS, 2010, p. 138).

Os valores cívicos transmitidos à população não se restringiram apenas à festividade da Exposição do I Centenário da Independência. Eles também foram divulgados para os demais eventos que ocorreram dentro das Comemorações da Independência. Nesse contexto de efervescência cívica, eles também passaram a constituir os discursos produzidos no concurso de Miss Brasil -1922, promovido pela *Revista da Semana*<sup>9</sup> em parceria com o

---

<sup>9</sup> Foi um semanário brasileiro, fundado no ano 1900 que abordava assuntos políticos e contava com ilustrações de chargistas famosos como J. Carlos e Raul Penedeiros. Circulo até o ano de 1962.

*Jornal A Noite*<sup>10</sup>. Afinal, buscava-se construir uma identidade e uma estética para a mulher brasileira que atendesse ao modelo de cidadania almejado no período. Para Adriana Cançado (2008), de acordo com as concepções de Katarina Mettson e Kattarina Peterson:

Esses eventos envolvem construções de identidades por meio de ações interligadas. O conjunto dessas ações constitui um “ritual cívico” [...] que aproxima gênero, identidade e padrões de consumo (CANÇADO, 2008, p. 29).

Sendo assim, ao observarmos o concurso de Miss Brasil de 1922, percebemos este evento construído em meio a um ritual cívico. Dessa forma, o compreendemos como espaço de construção de uma identidade e de uma estética feminina para a mulher brasileira. Os espaços de organização do concurso e as revistas ilustradas a partir dos ideais de beleza promovidos na época também propagavam padrões de consumo por meio de seus anúncios publicitários sobre cosméticos, produtos que deveriam fazer parte da vida das brasileiras modernas.

## **2.2 As comemorações do centenário na Parahyba e o Miss Parahyba do Norte - 1922 como evento político**

Assim como na maioria dos Estados brasileiros, a Paraíba também participou das comemorações do Centenário da Independência e, conseqüentemente, do concurso de Miss de 1922<sup>11</sup>. Mesmo não estando ligados diretamente, ambos os eventos são essenciais para que possamos compreender o concurso de beleza de 1922 aqui na Paraíba não apenas enquanto um evento de beleza, mas especialmente como um evento político implicado em redes de poder construídas através de seus discursos, identidade, gênero e uma estética para a mulher paraibana por meio da escolha da mais bela do Estado.

---

<sup>10</sup> Periódico vespertino carioca, fundado em 18 de junho de 1911 e circulou no Brasil até 27 de dezembro de 1957.

<sup>11</sup> Conforme o jornalista Wills Leal, em seu livro *Elas só citavam o pequeno príncipe: história dos concursos de Miss Brasil e Miss Paraíba* (LEAL, 2003), os primeiros concursos de beleza realizados na Paraíba datam do início do século XX, alguns deles realizados durante a tradicional Festa das Neves.

Naquele ano, durante o mês de setembro, a Paraíba organizou sua Exposição do Centenário, enviada ao Rio de Janeiro para evidenciar seus produtos regionais. O delegado da Exposição foi o deputado e sobrinho do presidente da República, o senhor Joaquim Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que, como veremos mais adiante, também foi o presidente do júri do concurso de Miss de 1922 organizado pela revista *Era Nova*.

Internamente, a Paraíba organizou entre 2 e 7 de setembro, inúmeros eventos relacionados à Comemoração do Centenário da Independência. A partir do balancete das despesas com as festas apresentado por Moraes (2010, p. 140), identificamos que os principais eventos realizados foram: uma sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) no teatro Santa Rosa, uma demonstração escolar, provavelmente do Lyceu Paraibano, um baile no clube Ástrea e festas populares na Praça Venâncio Neiva, além de festas religiosas, um concerto do tenor italiano, que residia em Recife, David Brillontini, e disputas desportivas.

Uma parte das despesas da festa contou com a contribuição do Estado, cerca de 2:023\$000, o que correspondeu a 9% da verba arrecada para o evento. Porém, a maior contribuição veio das subscrições populares e da compra dos “Bônus da Independência”, um título de capitalização vendido no jornal *A União*<sup>12</sup> e também na revista *Era Nova*. Os patriotas que contribuíssem para a festa teriam seus nomes expostos em listas divulgadas nas páginas dos meios de comunicação citados acima, fato que os diferenciava socialmente daqueles que não podiam ou não desejavam contribuir para a festa. Nota-se, a partir dos investimentos citados, a relevância conferida ao evento nacional no Estado, fato que garantiria notoriedade à Paraíba diante dos demais Estados envolvidos nas comemorações.

Ainda segundo Moraes (2010), O jornal *A União* e a revista *a Era Nova* eram os principais órgãos da imprensa paraibana divulgadores dos acontecimentos que envolveram os festejos da Comemoração do Centenário aqui na Paraíba, por meio de notas escritas ou fotografias, fazendo propaganda governamental associando a imagem do presidente Epiácio Pessoa e do presidente de Estado, Sólton de Lucena, através de Edições Especiais do

---

<sup>12</sup> Jornal oficial do Estado da Paraíba. Emergiu como um periódico republicano, fundado na capital no dia 2 de fevereiro de 1893 pelo então presidente de província, Álvaro Machado.



Centenário da revista *Era Nova*, ao progresso vivenciado pelo Estado da Paraíba na década de 1920.

Embora a organização do concurso de beleza de 1922 no Estado da Paraíba não tenha partido da iniciativa governamental, como foi o caso das festividades de comemoração do Centenário da Independência, o evento de beleza foi inspirado neste evento, como citado anteriormente. Logo, ao caracterizar as festividades da comemoração do Centenário como festas políticas, podemos afirmar que o concurso de beleza indiretamente ligado a ele também foi um evento político.

Contudo, para compreendermos o concurso de beleza de 1922 ocorrido na Paraíba como um evento político, é necessário entendê-lo antes enquanto “evento ritual”, no sentido concebido pela historiadora Adriana Mello Cançado (2008). Para a autora, para serem caracterizados como “evento ritual”, os concursos de beleza devem apontar “[...] forma e conteúdo [...] para concepções de diversidade e universalidade [...]” (CANÇADO, 2008, p.187), que, por sua vez, estão inseridos nos aspectos específicos do contexto histórico da realização do concurso (forma) e apresentam semelhanças com outros concursos em sua estrutura (conteúdo)<sup>13</sup>.

Para que o concurso de beleza da Paraíba se tornasse objeto de nosso estudo, foi necessário compreender o contexto histórico do Estado da Paraíba na década de 1920. O referido evento se assemelha a outros concursos que estavam ocorrendo nos demais Estados do Brasil, pois assim como a *Era Nova*, outras revistas ilustradas organizaram o concurso estadual, selecionavam jurados, as fotografias das candidatas que concorriam ao título e, finalmente, as elegiam. Além do fato de que, mesmo não partindo de uma iniciativa governamental - como foi o caso das festividades da Comemoração do Centenário da Independência - o concurso esteve ligado ao evento maior, pois sua idealização partiu justamente da festa política nacional. Todas estas

---

<sup>13</sup> Em sua tese de doutorado sobre o concurso de beleza de Rainha da Soja de Ponta Grossa, no Estado do Paraná, Cançado (2008) afirma que este evento estava inserido em um espaço ritualizado, pois foi um fenômeno singular e historicamente delimitado. O concurso de Rainha da Soja de Ponta Grossa só pode ser identificado por suas especificidades relacionadas aos movimentos conjunturais instituídos pelas esferas políticas, econômicas e culturais no decorrer dos anos de 1970 no Brasil. “Por outro lado, o evento apresenta semelhanças em relação a outros concursos femininos, principalmente na regularidade de determinados atos que compõem sua forma, como integrar uma festividade maior - os Encontros com a Soja - tratar de eleição e coroação das eleitas em um glamoroso baile de gala” (CANÇADO, 2008, p.187).



questões mostram que o concurso de Miss Parahyba do Norte -1922 se caracterizou como um evento que fez parte de um ritual cívico nacional que integrou também os outros Estados brasileiros.

É imprescindível destacar que esta associação indireta entre o concurso de Miss Paraíba do Norte de 1922 e a festa política tomaram grandes proporções, a ponto de o presidente da República na época, o paraibano Epitácio Pessoa, recomendar “[...] uma atuante ação em todos os municípios, na busca de encontrar uma jovem que seja símbolo da mulher paraibana” (LEAL, 2003, p. 54).

Desse modo, a partir de um artigo publicado na revista *Era Nova* no ano do concurso, transcrito no livro *Elas só citavam o pequeno príncipe: A História dos Concursos de Miss Brasil e Miss Paraíba*, do jornalista paraibano Wills Leal (2003), o político e escritor paraibano José Américo de Almeida, que, como veremos mais adiante, comporá o júri do concurso de Miss Parahyba do Norte - 1922, associa indiretamente o evento de beleza à festa política:

*Era Nova* tomou a incumbência de objetivar o concurso de beleza, pelo resultado do qual haveremos de saber qual a parahybana mais bonita e formosa, que deve figurar no Centenário da nossa Independência política (ALMEIDA, 1922 apud LEAL, 2003, p. 55).

Em outro momento do mesmo artigo publicado na revista, Almeida expõe suas perspectivas a respeito da beleza da mulher paraibana. Segundo o escritor:

A nossa gente ainda não aprimorou o seu gosto estético na plasticidade e elegância do tipo feminino. Precisamos saber, desta feita, qual das nossas patrícias possa mais se aproximar da perfeição olympica da Vênus de Milo. Não satisfaz somente a delicadeza branca de um rostinho catita. Até hai vai apenas a beleza. Torna-se necessário juntar outros requisitos da formosura. Não compreendemos a perfeição típica da mulher sem o delineamento artístico de suas linhas anatômicas, elegância, desenvoltura e contornos de formas, enfim o conjunto de todo harmonioso e impecável (ALMEIDA, 1922 apud LEAL, 2003, p. 55).

Assim, percebemos que, mesmo enquanto espaço ritual político, o concurso de beleza aqui analisado também constrói um discurso de estética. Como foi possível observar a partir da fala de Almeida, que aponta o comparativo de beleza segundo o qual a mulher paraibana deve se aproximar “da perfeição olympica de Vênus de Milo”, ou seja, um padrão de beleza feminina europeu, branco, metaforizado por uma referência de beleza como “clássica”. Na fala de Almeida, trata-se de uma beleza universal que deveria servir de referência para a mulher paraibana.

Logo em seguida, ele afirma que apenas a beleza do rosto não conta, pois, em sua opinião, é necessário também atentar para o corpo das candidatas, sua “elegância, desenvoltura e contornos de formas” (ALMEIDA, 1922 apud LEAL, 2003, p. 55). Concluindo, José Américo de Almeida, afirma que estas duas belezas, a do rosto e a do corpo, unidas a um comportamento elegante e desenvolto, resultam em um conjunto harmonioso, no qual deve estar inserida a bela paraibana que representará seu Estado para todo o Brasil.

No decorrer do ano de 1922, a *Era Nova* em suas edições quinzenais durante os meses de abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro, orientou seus leitores a respeito das duas etapas que faziam parte do concurso, através de textos publicados nestas edições da revista.

Na edição de número 24, do dia 15 de abril daquele ano, a revista, em texto de divulgação do evento, elogiou a iniciativa dos jornais cariocas *A Noite* e *Revista da Semana* na organização do certame. A *Era Nova* também registrou a euforia do povo paraibano com a possibilidade de enviar uma conterrânea para o evento e teceu críticas aos Estados que supostamente julgavam possuir a mais bela do país antes mesmo do resultado final do concurso, acusando-os de ter uma opinião egoísta e retrógrada.

**FIGURA 02:** Anúncio da revista *Era Nova* sobre o concurso de Miss Parahyba do Norte— 1922.



**Fonte:** Revista *Era Nova*, edição de 15 de abril de 1922.

Sendo assim, o concurso de beleza realizado na Paraíba possuiu duas etapas. A primeira etapa municipal, que escolheria a mais bela de seu município, e a etapa estadual, que elegeria a mais bela paraibana, que, por sua vez, concorreria na fase nacional do evento com candidatas de outros Estados.

Para a realização da etapa municipal do concurso, a *Era Nova* designou em cada um dos 39 municípios participantes uma comissão encarregada de organizar o evento em sua cidade. Nos municípios, as candidatas deveriam ser votadas por meio de cupons que custavam 600 réis e se encontravam à venda na redação da revista e nas sedes municipais. É importante destacar que não havia regras para a participação das moças no evento, diferentemente de alguns concursos de beleza atuais. Apenas se recomendava aos votantes que ambos os sexos poderiam votar; só seria aceito um voto por pessoa e os votantes deveriam ter mais de 15 anos. A revista ainda recomendou que o prazo final para a apuração dos votos se estendia até o dia primeiro de abril daquele ano. Os resultados deveriam ser encaminhados para a redação da *Era Nova* com os seguintes requisitos:

Esclarecimentos do município onde se realizou, nome da eleita, número de votos que obteve e duas photographias, uma de perfil e outra de frente, ambas de busto e formato nunca inferior a de um álbum (ERA NOVA, 1922, apud, LEAL, 2003 p.55)

**FIGURA 03:** Cupom para votação municipal do Miss Parahyba 1922.

**QUAL A MAIS BELLA?**

*Coupon* para a eleição da parahybana que deve figurar no grande concurso de belleza nacional do Centenario de nossa emancipação politica

Nome da senhora ou senhorita \_\_\_\_\_

Nome do votante \_\_\_\_\_

Residencia { Localidade \_\_\_\_\_  
 { Rsa \_\_\_\_\_

n.º \_\_\_\_\_

( Os votantes podem ser de ambos os sexos )

**Fonte:** Revista *Era Nova*, edição de 1º de maio de 1922.

Sendo assim, no dia primeiro de maio, a revista publicou aviso registrando que os votos das candidatas escolhidas nos municípios do interior do Estado já haviam sido contabilizados. Por esse motivo, os fotógrafos João Dantas, Gustavo Silva e Manfredo Stuckert já estariam se dirigindo ao interior da Paraíba a fim de fotografá-las para a revista. Apenas a votação da capital ainda não havia sido encerrada:

Do interior nos chegaram esta semana os nomes das últimas candidatas a formarem o quadro das eleitas do Estado, faltando apenas a da capital [...]. Já conhecemos pelos nomes as eleitas de todas as localidades onde houve eleição [...] (REVISTA ERA NOVA, 1 mai. 1922, s.p.).

A *Era Nova* ainda registrou que, ao longo de suas edições, as fotografias das vencedoras municipais que foram enviadas para redação da revista seriam divulgadas. A capa daquela edição de primeiro de maio foi ilustrada pela senhorita Alice Gaudencio, representando o município de São João do Cariri e para ilustrar o aviso acima transcrito, foi estampada a fotografia da mais bela da cidade de Areia, a senhorita Maria de Lourdes Costa, como pode ser observado abaixo:

**Figura 04:** Senhorita Alice Gaudencio, mais bella de São João do Cariri.



**Figura 05:** Senhorita Maria de Lourdes Costa, a mais bella do município de Areia.



**Fonte:** Revista *Era Nova*, edição de 1º de maio de 1922.

Curiosamente, ao analisarmos as fotografias das duas senhoritas, percebemos dois modelos estéticos. A senhorita Alice Gaudencio, aparentemente mais moderna, apresenta um cabelo estilo Chanel, curto, como ditava a moda naquela década. Já a senhorita Maria de Lourdes Costa ostenta cabelos compridos trançados e um vestido que lembra os modelos de vestidos do século XIX.

Também no mesmo aviso, a revista lembra que o “grande júri” que escolherá a paraibana mais bela, presidido pelo delegado da Exposição do Centenário no Estado da Paraíba, o senhor Joaquim Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, irá se reunir no dia 2 de julho em local ainda a definir e que a premiação para a vencedora estadual será:

#### Premio Navarro

A movelaria Navarro, desta praça, resolveu presentear a eleita paraibana com uma (?) penteadeira, que esta sendo artisticamente trabalhada nas oficinas da importante casa de móveis.



### Premio Julio Meira

O conceituado photografo patricio Julio Meira, proprietário da Photographia Colombo, premiará a eleita com uma duzia de retratos de gabinete.

### Premio Era Nova

Esta revista já fez a encomenda do premio com que há de brindar áquela que receber a sentença sublime de ser a mais linda de nossas patricias.

Olívio Pinto, intelligente pintor parahybano, reproduzirá, em ponto grande, o retrato da candidata escolhida, que aporemos em nosso gabinete redaccional como uma lembrança da [...] magnificente festa da Belleza (REVISTA ERA NOVA, 1 mai. 1922,s.p.).

A fim de apurar os votos da capital, em sua edição do dia 15 de maio, a revista publica que o dia 28 daquele mês será o último para a votação naquela localidade. Sendo assim, no dia 31 de maio, são contabilizados os votos da capital. No dia seguinte, a revista publica um aviso encerrando a primeira fase do concurso e revelando a vencedora da capital, a senhora Stella Caçador Stahel, eleita com 5.671 votos, além das demais colocações com seus respectivos votos. É possível perceber a relevância conferida à vencedora da capital a partir de seu anúncio, ocupando meia página da edição da revista como pode ser visto abaixo:

**FIGURA 06:** Anúncio da revista *Era Nova* sobre o encerramento da primeira fase do concurso Miss Parahyba -1922.



**Fonte:** Revista *Era Nova*, edição de 15 de maio de 1922.

Encerrada esta primeira etapa, a edição do dia primeiro de agosto da revista anuncia que o júri do concurso, “[...] constituído de elementos de destaque social da Parahyba” (REVISTA ERA NOVA, 1 ago. 1922, s.p.), deve se reunir no dia 20 daquele mês para a escolha da mais bela paraibana, e justifica que sua escolha ainda não havia sido feita devido ao atraso no envio das fotografias das candidatas dos municípios. Foi desta forma que teve início a segunda etapa do evento de beleza. A revista também relata que, em seu próximo número, divulgará as fotografias das eleitas em primeiro e segundo lugar na capital, o que leva a reforçar a ideia de que as candidatas da localidade receberam maior destaque que as demais.

Presidido pelo deputado Joaquim Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, o júri se reuniu, na redação da revista, às 13:00 horas do dia vinte do mês de gosto, para iniciar a apuração. A mesa do júri estava composta por homens influentes que participavam ativamente dos rumos da política e da vida intelectual paraibana na época, como o escritor João Rodrigues Coriolano de Medeiros, designado para ser secretário do júri, o também escritor, advogado e político José Américo de Almeida, Severino Lucena, o advogado Adhemar Vidal, o professor Lauro Montenegro, o farmacêutico Francisco de Assis e Silva, Viera d’Alencar, Paulo Magalhães, Francisco de Sá e Benevides, Édésio Silva e Epitácio Vidal.

Todos os senhores citados acima, uma vez componentes do júri do concurso representavam por meio de suas profissões ou influencias políticas lugares sociais de poder na sociedade paraibana. Desta forma este concurso de beleza se caracteriza como um espaço ritual de poder.

Segundo Beverly Stolje (1996, apud, CANÇADO, 2008), os concursos de beleza são *eventos rituais* que estabelecem redes de poder e que permeiam dois mecanismos fundamentais para a compreensão do poder em concurso de beleza: o mecanismo de significação que é operado através do patrocínio do concurso e o mecanismo de competição, que diz respeito aos valores e regras sociais estabelecidos na sociedade onde o concurso acontece. Este poder que permeia os dois mecanismos citados, esta estruturado em três fontes.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> A primeira fonte diz respeito à evolução da forma, que ocorre através do tempo, incorporando influências de contextos sociopolíticos específicos. A segunda fonte refere-se ao discurso, que inclui a linguagem da própria performance, mas também aquela de qualquer

No que diz respeito à primeira fonte que estrutura o poder, relacionada às influências do contexto sociopolítico do concurso de beleza aqui analisado, podemos perceber que, naquele ano de 1922, a família Pessoa era uma das mais poderosas e influentes na política do Estado. Não por acaso identificamos como presidente do júri do Concurso paraibano o deputado Joaquim Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, sobrinho do presidente do país, o paraibano Epiácio Pessoa.

A segunda fonte que estrutura o poder no referido concurso corresponde aos discursos produzidos por ele, neste caso, os discursos produzidos pela *Era Nova*, com seus anúncios sobre as etapas do evento de beleza, as premiações para a vencedora, o dia da votação, a reunião do júri e a divulgação do resultado final do Concurso.

Por fim, a terceira fonte estruturante de poder está relacionada à produção e organização do evento, que também está ligado diretamente à revista *Era Nova*, que cuidou da divulgação do evento e dos cupons para votação municipal da primeira fase do concurso, bem como estabeleceu regras para os votantes e editou revistas especiais.

Segundo a ata do concurso, o presidente do júri iniciou a apuração dos votos, convidando José Américo de Almeida para ocupar o lugar de mesário do professor Manoel, que não pôde comparecer à reunião. Logo em seguida, com a mesa composta, Joaquim Pessoa Cavalcanti de Albuquerque falou a todos antes de encerrar a sessão para a formação de chapas, pois o voto era secreto:

Em homenagem à mulher parahybana ia ser escolhida, diante das photographias que sobre a mesa estavam, a mulher mais bella do nosso Estado, bem como as que deviam ocupar do primeiro ao quinto lugar (LEAL, 2003, p. 58).

Após esta fala do presidente do júri, a sessão foi reaberta e foi dado inicio a votação, e posterior contagem dos votos do primeiro ao quinto lugar de

---

texto relacionado ao concurso, incluindo aqueles usados pela mídia e tradições orais que circulam informalmente. Por fim, “[...] a organização da produção, fonte que se refere à produção material do evento, incluindo decisões relacionadas às regras, à forma e ao processo de seleção para determinar o resultado (CANÇADO, 2008, p. 31).



todas as candidatas vencedoras do concurso na fase municipal. Em primeiro lugar com seis votos ficou mme. Stella Caçador Sthael, em segundo lugar com seis votos mlle. Hilda Netto, em terceiro lugar mlle. Maria Eulina Vieira, em quarto lugar mlle. Esther Vergara Mendonça e em quinto lugar mlle. Ignez de Lucena. As fotografias das vencedoras foram publicadas nas capas das edições quinzenais da revista do mês de setembro e também nas capas das edições especiais em comemoração ao Centenário da Independência.

**FIGURA 07:** Senhora Stella Caçador Sthael, 1º lugar no concurso de Miss Parahyba do Norte-1922.



Fonte: Revista Era Nova, 1 set. 1922.

**FIGURA 08:** Senhorita Hilda Netto, 2º lugar no concurso de Miss Parahyba do Norte-1922.



Fonte: Revista Era Nova: Edição do Centenário (1822-1922).

**FIGURA 09:** Senhorita Maria Eulina Vieira, 3º lugar no concurso Miss Parahyba do Norte-1922.



Fonte: Revista Era Nova: Edição do Centenário (1822-1922).

**FIGURA 10:** Esther Vergara Mendonça - concurso de Miss Parahyba do Norte -1922.



Fonte: Revista Era Nova: Edição do Centenário (1822-1922).

**FIGURA 11:** Senhorita Ignez de Lucena, 5ª colocada no concurso de Miss Parahyba do Norte -1922.



Fonte: Revista Era Nova: Edição do Centenário (1822-1922).

Assim como ditava a moda dos modernos anos de 1920, podemos perceber que quatro das cinco ganhadoras do Miss Parahyba do Norte -1922 tinham uma estética moderna, com cabelos curtos. Apenas a senhorita Eulina Viera aparece com cabelos compridos, característicos do que era permitido à estética feminina do século XIX. Mas uma vez, é possível afirmar que a Paraíba não aceitava todos os discursos do moderno, como muitas vezes a própria revista *Era Nova* buscava mostrar a partir de seus anúncios e discursos. Outro fator importante a observar está na expressão das moças captada pela lente no momento da fotografia. São expressões que variam entre a seriedade e leve grau de euforia, mas que em todas as moças expressa recato e feminilidade, atributos indispensáveis para o “bom” comportamento de senhoras e senhoritas.

Estas moças que ocuparam do primeiro ao quinto lugar nas colocações do concurso são todas pertencentes à elite social paraibana. Mesmo não identificando minuciosamente a que famílias elas pertencem, o fato de participarem de um concurso de beleza organizado pela revista *Era Nova*, cujo público leitor era a elite daquela sociedade, sugere que o poder que permeia este evento ritual também está relacionado às famílias de renome no Estado. Desta feita, para Cançado (2008, p. 202):

A participação das famílias tradicionais nesses espaços sociais sempre foi significativa em função das próprias tradições, ou seja, das convenções sociais estabelecidas entre grupos, cujos membros compartilhavam o mesmo estilo de vida, na situação econômica, nas opiniões políticas e nas relações sociais.

Logo, ao partilhar de práticas comuns que as distinguem das demais moças da sociedade paraibana, estas candidatas representam suas famílias e, portanto, seus lugares sociais através de seus sobrenomes, fossem elas solteiras ou casadas, como foi no caso da vencedora, a senhora Stella Caçador Sthael.

Logo após o resultado do concurso, o presidente do júri concedeu a palavra aos senhores que compraram à mesa e, na ocasião, o senhor Severino Lucena sugeriu que se telegrafasse para as moças, comunicando-lhes o resultado final do evento de beleza. Feita a sugestão, o senhor Joaquim

Pessoa Cavalcanti de Albuquerque encerrou a sessão elogiando a revista *Era Nova* pela organização do concurso e agradeceu a presença de todos os presentes (LEAL, 2003, p. 58).

Em primeiro de setembro, a revista publica um artigo intitulado *O concurso na Parahyba*, relatando as impressões da *Revista da Semana* - uma das revistas idealizadoras do evento de beleza em nível nacional - sobre o desempenho da *Era Nova*, elogiando a beleza das cinco colocadas no concurso da Paraíba e avisando que seus nomes já estavam sendo divulgados na revista fluminense. Além disso, a *Era Nova* anuncia em artigo a eleita "a parahybana mais bella" (REVISTA ERA NOVA, 5 set. 1922, s.p.), explicando como foi organizado o júri, a votação e divulgando também a ata do concurso

Por fim, após anúncio da mais bela paraibana, dentre todas as rainhas da formosura, a *Era Nova* divulga em sua edição de primeiro de outubro nota de encerramento desta segunda e última etapa do evento estadual. Na mesma nota, é divulgada a cobertura do jornal *A União*<sup>15</sup> acerca da entrega dos prêmios à vencedora do concurso e da festa organizada em sua casa para a comemoração do título.

A comemoração da vitória da senhora Stella Caçador Sthael se deu em sua residência na capital. Foi organizada uma festa íntima, contando com a presença de familiares e amigos da vencedora, além da comissão de representantes da revista, composta pelos senhores Severino de Lucena, seu diretor; Guimarães Sobrinho, seu editor chefe; Vieira D'alencar, Horacio de Almeida, Assis e Silva, Edgard Dantas, Francisco Benevides, M. Viera e José Pessoa, que foram parabenizar a senhora Stella Caçador Sthael.

Logo depois de servida a champanhe, em nome da revista, o editor chefe de *Era Nova*, Guimarães Sobrinho, proferiu as seguintes palavras à M.me. Stella:

Assim, gentilíssima senhora, vimos trazer-vos agora a nossa definitiva homenagem, nesta singela festividade com que *Era Nova* remata a pugna brilhante e esplendida que merecidamente vos sagrou, pelas suas prendas e pelo vosso encanto, pela sedução do vosso espírito e pela nobreza das

---

<sup>15</sup> Jornal paraibano republicano, fundado em 2 de fevereiro de 1893 pelo então presidente de Estado Álvaro Machado.

vossas virtudes e, enfim, pelo conjunto das vossas perfeições fascinadoras de mulheres, vos sagrou, dizia eu, a dona, a minha altíssima do solo de beleza da minha terra [...] envaidecidos pelo vosso triunfo, que é nosso, bem da nossa gente, da nossa raça e muito particularmente com justos motivos de orgulho, desta pequenina, mas linda e grande (REVISTA ERA NOVA, 20 de ago. de 1922, s.p.) .

**FIGURA 12:** Cartaz com a Miss Parahyba do Norte -1922.



**Fonte:** Revista Era Nova: Edição do Centenário (1822-1922).

A fotografia da senhora Stella, identificada como representante da Paraíba, antes mesmo da realização da etapa nacional do concurso era tida como a mais bela do Brasil. Ao redor da fotografia da senhora Stella, é possível perceber anjos que a cercam com adornos floridos, representando provavelmente a nobreza, as virtudes, o encanto e a candura da mulher paraibana. Nota-se também os cabelos curtos e o enfeite na cabeça, característicos da moda da época.

### **3 ALIANCISTAS *VERSUS* PERREPISTAS: O CONCURSO DE MISS PARAHYBA DO NORTE - 1929 E A BELEZA NA DISPUTA PARTIDÁRIA PELO PODER LOCAL**

#### **3.1 A “Revolução” de 1930 no contexto nacional**

A “política do café com leite”, que desde a Primeira República garantiu a permanência alternada de São Paulo e Minas Gerais no Governo Federal, começou a ruir, encerrando a República Velha no ano de 1930, quando o então presidente Washington Luís, representante de São Paulo, decidiu indicar para as eleições daquele ano o candidato paulista Júlio Prestes, ao invés do governador de Minas Gerais Antônio Carlos, como previa o acordo entre os dois Estados.

Contra a atitude de Washington Luís, foi formada junto às oligarquias dos Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba a chapa da Aliança Liberal. Esta chapa lançou como candidato à presidência para a eleição de março de 1930 o gaúcho Getúlio Vargas e, como seu vice, o paraibano João Pessoa.

Marcada pelo mandonismo e pelas fraudes eleitorais, característicos do poder oligárquico da velha República, o resultado da eleição deu a vitória ao candidato de São Paulo, Júlio Prestes.

Insatisfeita com este resultado, a Aliança Liberal, apoiada por militares do Movimento Tenentista (1922), proferiu uma série de discursos contra o governo de Washington Luís, visando a sua destituição do poder executivo, juntamente com uma movimentação de setores da classe média urbana, que resultou na Revolução de 1930.

Na Paraíba, Estado que compôs a Aliança Liberal, questões políticas e pessoais internas, como a revolta de Princesa (1930) e o assassinato do presidente de Estado e então vice de Getúlio Vargas, João Pessoa, pelo advogado João Dantas em julho daquele ano na Confeitaria Glória, no Recife, foram apropriados pelos liberais, transformando-se em estopim para a deflagração da Revolução de 1930, com a tomada do poder por Getúlio Vargas em outubro.

Interpretada como golpe por alguns historiadores ou como Revolução por outros, este acontecimento político do ano de 1930 inspirou discursos, símbolos, personagens. Segundo o historiador Dinarte Varela, na Paraíba:

A Revolução de 1930 está sempre no presente com a representação de seus nomes e seus símbolos cívicos, seus monumentos, seus edifícios, suas praças, como escritura da Revolução de 30, pois o espaço como produto social reflete as ideologias, e como tal, a capital paraibana, que sempre esteve à mercê das reestruturações políticas, relata-nos seus acontecimentos histórico-políticos, como exercício do poder humano (VARELA, 2010, p. 213).

Dessa forma, percebemos que a Revolução de 1930 na Paraíba, além dos monumentos e símbolos cívicos, também construiu artefatos culturais que, para Varela (2010), resultou em uma vasta produção acadêmica, literária e cinematográfica sobre os personagens envolvidos nesta história, bem como fabricou mitos; um deles, o de João Pessoa, ora herói, ora santo, conforme afirma Aires (2013).

Mas, antes mesmo deste fatídico ano de 1930, ainda em 1929 as adversidades políticas que envolviam os jogos de interesse e poder entre o presidente de Estado e João Pessoa (aliancista), como também entre o coronel José Pereira (perrepista) e os Pessoa de Queiroz, parentes de João Pessoa e aliados do Coronel, no Recife, garantiram à Paraíba um cenário de tensões políticas, que chegou a fazer do concurso de Miss Parahyba do Norte -1929 um lugar de guerra política e partidária.

### **3.2 Concurso Miss Parahyba do Norte - 1929: beleza como espaço de jogo político entre aliancistas e perrepistas**

*“Miss Parahyba’  
Refulge a abobada celeste  
No ardor flammigeo do verão  
A Terra adusta do Norte  
E’ a vida plena em combustão*

*E’ nesse ambiente  
Ao rubro, ardente,*



*Sol tropical  
Que se abre à luz do viço pleno  
Bella e aromal*

*Sua beleza tropical se formosura  
A luz solar, força, esplendor!  
Gloria á mais bella parahybana  
A flamma-flôr”*

(JORNAL A NOITE, Rio de Janeiro, 15 abr. de 1929 ,p.6).

Este poema, publicado no periódico fluminense *A Noite* no dia 15 de abril de 1929, de autor desconhecido, foi escrito em homenagem à Miss Parahyba do Norte -1929, a senhorita Eimar Pinto Pessoa. Para argumentar o tipo de beleza erigido para a Miss, o poeta parte de uma paisagem do Norte, solar, vermelha e ardente, que é de onde, segundo ele, resulta a beleza tropical, de força, glória e esplendor daquela que foi eleita a mais bela paraibana.

É importante destacar que, uma vez eleita Miss, a senhorita Eimar Pinto Pessoa foi ao evento Miss Brasil – 1929, que ocorreu Rio de Janeiro, representando o Estado da Paraíba.

Esta representação fabrica uma estética para a mulher paraibana que, cristalizada no tipo de beleza tropical, exclui os múltiplos tipos de beleza existentes na Paraíba.

Todavia, o concurso de beleza Miss Parahyba do Norte ocorrido no ano 1929 não formulou apenas uma estética para a mulher paraibana. Em meio a um cenário de tensões políticas entre partidários aliancistas e perrepistas, ele também se transformou em um evento político e partidário, através da disputa pelo poder local na Paraíba entre estes dois adversários.

### 3.2.1 Cenários de tensão política e a escolha da mais bela paraibana

Ao longo da década de 1920, os concursos de beleza na Paraíba não ocorreram de forma regular, mas apenas nos anos de 1925, 1927 e 1929. Logo, três anos após o concurso do ano de 1922, o jornal *Correio da Manhã*<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Jornal Carioca fundado em 1901. Circulou no Estado da Paraíba e era conhecido na imprensa por seu discurso de “livre opinião”. Porém, no ano de 1930, encontrou-se ao lado da Aliança Liberal.

organizou o concurso de beleza no ano de 1925. De caráter unicamente estadual, o concurso elegeu como a mais bela paraibana a escritora e professora Anayde Beiriz.

Nascida no ano de 1905, na Paraíba, filha do tipógrafo José da Costa Beiriz, a “pantera dos olhos dormentes”, como também foi conhecida, foi uma mulher que possuiu seu nome associado aos acontecimentos da Revolução de 1930 na Paraíba, devido ao seu envolvimento amoroso com o advogado João Dantas. No entanto, deixou seu nome registrado na História principalmente por ser considerada uma mulher de comportamento ousado para a Paraíba dos anos de 1920. Aos 17 anos, formou-se na Escola Normal da Parahyba do Norte. “Na década de 1920, Anayde aparecia citada nas páginas da revista *Era Nova* tanto com a imagem de aluna notável do curso da Escola Normal como a partir de sua habilidade como escritora” (ABRANTES, 2008, p. 26).

**FIGURA 13:** Fotografia da senhorita Anayde Beiriz aos 17 anos, diplomada pela Escola Normal, para a Revista *Era Nova*.



**Fonte:** Revista Era Nova, edição de 1 set. 1925.

O concurso de beleza que elegeu Anayde a mais bela da capital foi alvo de críticas da Igreja, como aponta nota publicada no jornal católico *A Imprensa*, reproduzida no livro *Elas só citavam o pequeno príncipe: história dos concursos de Miss Brasil e Miss Paraíba* (LEAL, 2003). A nota dizia:



Entre nós o decote é exibido pelas mulheres com uma semcerimonia pasmosa. As acompanhadas moralizadoras das toilettes não encontram a repercussão desejada nos círculos femininos da família. Consentem-se que senhoras e senhoritas, até mesmo as que se dizem católicas, usem vestidos decotados com uma imoderação lamentável (A IMPRENSA, 1925 apud LEAL, 2003, p. 61).

O trecho acima, apesar de se referir ao concurso, não tece críticas diretamente a ele, mas sim aos decotes nos vestidos utilizados pelas mulheres na época. Podemos perceber aqui o discurso da Igreja na Paraíba, que apresentava resistência à nova forma de a mulher paraibana se vestir, acompanhando a moda da década de 1920, que permitiu à mulher roupas mais práticas, um dos requisitos para a vida no contexto da modernidade.

Sendo assim, no ano de 1927, a eleita mais bela paraibana como Rainha dos Estudantes foi a senhorita Clara Otto. Abaixo, uma fotografia da vencedora do certame daquele ano:

**FIGURA 14:** Senhorita Clara Otto.



**Fonte:** Leal (2013, p. 10).

No ano de 1928, não ocorreu concurso de beleza estadual na Paraíba. Mas houve a eleição para presidente de Estado, que naquele ano o elegeu o candidato João Pessoa.

Uma vez eleito, João Pessoa empreendeu diversas mudanças na política e na economia paraibana ao longo de seu breve mandato, que causaram mal-estar nas estruturas de poder oligárquicas paraibanas.

Estas mudanças na política e na economia paraibana visaram ao controle do poder local dos coronéis, tirando deles a polícia, a justiça, o fisco e as obras públicas contra a seca. Sendo assim, na economia, João Pessoa empreendeu uma nova política tributária, que objetivou mais autonomia para a Paraíba em relação a Recife, medidas que alteraram as transações comerciais realizadas entre os coronéis e aquela capital, mas especificamente entre o coronel José Pereira e a família Pessoa de Queiroz, que viu sua economia prejudicada com as mudanças empreendidas por João Pessoa. Já no plano político, o presidente de Estado, em Convenção do Partido Republicano Conservador, retirou o ex-presidente de Estado João Suassuna da chapa que deveria representar o partido no Congresso Nacional, deixando nela Carlos Pessoa, seu primo (AIRES, 2013).

Todas estas medidas desagradaram os coronéis paraibanos e a família Pessoa de Queiroz em Pernambuco. Formando oposição a João Pessoa e liderados pelo desembargador Heráclito Cavalcante, o deputado e coronel José Pereira no município de Princesa, a família Dantas no município de Teixeira e João Suassuna no município de Catolé do Rocha, uniram seus poderes locais, deflagrando mais tarde em 1930 na Revolta de Princesa.

A Paraíba, desde então, passou a viver sob clima de tensão política. Divididos entre aliancistas (João Pessoa) e perrepistas (José Pereira e aliados), os paraibanos assistiram em 1930 a uma invasão na casa de João Dantas. A polícia procurava documentos que comprovassem fraudes fiscais do advogado no governo do Estado e encontrou uma série de cartas, poemas e fotografias trocadas entre ele e sua companheira, a professora e poetisa Anayde Beiriz, vencedora do concurso de beleza de 1925, que foram divulgadas em *A União*, jornal oficial do Estado da Paraíba. “Fato que, na época justificou o assassinato de João Pessoa por João Dantas em julho de 1930” (VARELA, 2010, p. 214-215).

Mas as desavenças políticas entre aliancistas e perrepistas foram mais além. A imprensa paraibana se encontrava dividida entre os dois grupos políticos. Assim, de acordo com Varela (2010), os jornais *Correio da Manhã*,

*Jornal do Norte* e *O Liberal* apoiavam a Aliança Liberal. Já o jornal *O Norte*<sup>17</sup>, por não apoiar as mudanças empreendidas por João Pessoa, foi o único na capital considerado perrepista. Foi justamente esse jornal, no ano de 1929, a pedido do *Jornal do Commercio*<sup>18</sup>, do Estado de Pernambuco, que ficou responsável por organizar o concurso de beleza de Miss Parahyba do Norte daquele ano.

Um concurso que, na Paraíba, assumiu proporções partidárias por meio de duas candidatas nele envolvidas: as senhoritas Hilda Netto, que ficou em segundo lugar no concurso de beleza de 1922, realizado pela revista *Era Nova*, e que era ligada à família do presidente de Estado João Pessoa, e a senhorita Eimar Pinto Pessoa, que ficou conhecida como candidata do jornal *O Norte*, considerado perrepista e, portanto, inimigo de João Pessoa.

Em nível nacional, o concurso Miss Brasil, realizado em 1929, foi organizado pelo jornal *A Noite*, ou seja, o mesmo periódico que em 1922 organizou os concursos de beleza. A partir de edições que datam de 7 de março a 11 de junho de 1929, foi possível encontrar notícias sobre a Miss Parahyba do Norte de 1929.

É importante ressaltar que o Jornal *A Noite* enviou às capitais dos Estados envolvidos no concurso alguns de seus correspondentes, no que chamou de “serviço especial de A NOITE”, a fim de que fosse feita uma cobertura do evento em nível estadual.

Destarte, *A Noite*, a partir de seus correspondentes na capital paraibana, no dia 7 de março de 1929 publicou uma nota sobre as candidatas que concorreriam ao título de mais bela da cidade da Parahyba, capital do Estado:

As ultimas brilhantes jornadas na Parahyba

PARAHYBA 6, (Serviço especial da A NOITE) - O concurso esta assumindo proporções sensacionaes, sendo disputadissimo pelos partidários das senhoritas votadas. A pugna mais acesa é entre os partidários das senhoritas Eimar Pinto Pessoa e Hilda Netto.

---

<sup>17</sup> Jornal paraibano fundado em 1908 por Oscar Soares e Orris Eugênio Soares. Depois de alguns anos, o jornal passou a pertencer ao grupo Diários Associados, sendo extinto em fevereiro de 2012.

<sup>18</sup> Periódico pernambucano fundado em 3 de abril de 1909. É ativo até hoje e um dos jornais mais conceituados do Brasil.

O resultado de hoje é o seguinte: Eymar Pinto, 17.777 e Hilda Netto, 14. 097 votos.

Estas senhoritas pertencem à alta sociedade parahybana. Geny Barreto está também sendo uma das mais votadas (A NOITE, 7 mar. 1929, p.1).

O concurso aqui se encerra no dia 10 corrente

PARAHYBA, 6 (Serviço especial da A NOITE) - Está se aproxima o termo do sensacional concurso que tanto entusiasmo e interesse despertou aqui.

O jornal "O Norte" , que por incumbência do jornal "O Commercio" , de Recife, se encarregou em Parahyba do grande pleito encerrará no próximo dia 10, o certame para proceder a eleição do "Miss Parahyba". Até agora a apuração é a seguinte:

Hilda Netto, 8. 132 Eymar Pinto Pessoa; 7.159; Argemira Vital Silva, residente em Cabedello, 2. 644 votos (A NOITE, 7 mar. 1929, p.1).

Logo nas primeiras linhas da primeira nota do dia 7 de março, podemos observar que o jornal destacou que a "pugna mais acesa", ou seja, o combate acirrado ocorreu entre os partidários das senhoritas Eimar Pinto Pessoa e Hilda Netto. O termo "partidários" já nos demonstra o alto nível do envolvimento político - e não apenas político, mas também partidário - entre perrepistas e aliancistas na disputa entre suas respectivas representantes no evento de beleza. Ademais, a maioria dos votos se concentra nestas duas candidatas, que se alternam nas colocações de primeiro e segundo lugar na disputa estadual do concurso.

Dando continuidade à cobertura do evento estadual e contagem de votos para escolha da mais bela da capital paraibana, em 11 de março de 1929, o jornal *A Noite* publicou notas sobre os dias 9, 10 e 11 de março, relatando:

### **Na Parahyba**

PARAHYBA, 9 (Serviço Especial da A NOITE) - A apuração publicada pelo "O Norte" deu o seguinte resultado: Eimar Pinto Pessoa, 8. 796; Hilda Netto, 5.557 Argentina Silva, residente em Cabedello, 5.610.

O deputado Candido Pessoa, em nome dos partidários da senhorita Hilda Netto, protestou contra o excessivo argumento dos votos da senhorita Eimar, que se encontra em primeiro lugar na votação (A NOITE, 11 mar. 1922, p.2).

As notas publicadas pelo *A Noite* naqueles dias reforçaram o acirramento entre as candidatas Hilda Netto e Eimar Pinto Pessoa, que ora se encontravam com um maior número de votos, ora estavam em segundo lugar.

Dessa forma, percebemos, por meio da nota de 9 de março, que a contagem de votos daquele dia, que resultou com a maioria deles para a candidata Eimar Pinto Pessoa, causou mal-estar entre os partidários da senhorita Hilda Netto, que, representados pelo senhor Candido Pessoa, protestaram sobre a quantidade de votos da candidata perrepista.

### **Hilda Netto e Eymar Pinto Pessoa disputam-se o título de “Miss Parahyba”**

PARAHYBA, 10 (Serviço Especial da A NOITE) – Terminou o concurso para eleição de “Miss Parahyba” tendo a senhorita Hilda Netto recebido 33. 699 votos; Eimar Pinto Pessoa, 17.378. Outras senhoritas receberam milhares de votos.

A população empolgada pelo concurso, acha-se dividida em duas facções, pelas candidatas mais votadas, as senhoritas Hilda Netto e Eymar Pinto Pessoa.

Os partidários, ethusiasmados, trazem na lapela os retratos das candidatas (A NOITE, 11 mar. 1929, p.2).

No dia 10 de março, em outra etapa para a contagem dos votos da capital, a vencedora é a senhorita Hilda Netto. A disputa para o título de Miss da capital naquele momento se encerra entre as candidatas aliancista e perrepista. O próprio jornal relata que a população se encontrava dividida entre as duas, fato que reforça o cenário de guerra partidária em que estava a cidade da Parahyba, com o concurso de Miss municipal. Em ato simbólico, após a contagem dos votos, partidários aliancistas e perrepistas colocaram junto à lapela de seus ternos as fotos de suas candidatas.

### **Terminou a votação em Parahyba**

PARAHYBA, 11 (Serviço Especial da A NOITE) - O “Jornal do Commercio” delegou no Dr. Joaquim Pessoa, digno inspector, da Alfandega, para representa-lo no concurso de beleza desta cidade. Foi suspensa a emissão e venda de cédulas.

A apuração ate agora é a seguinte:

Hilda Netto, 13.701; Eimar Pinto Pessoa; 11.523. Argentina Vital Silva, residente em Cabedello, 5.861, e outras menos votadas (A NOITE, 11 mar. 1929, p.2)

Com o encerramento da votação na capital em 11 de março, o jornal *A Noite* publicou uma nota anunciando a vitória da senhorita Hilda Netto, representante dos partidários aliancistas. Eleita, na capital a mais bela Miss, Hilda iria concorrer ao título de Miss do Estado, com uma candidata do município de Campina Grande.

Nesta cidade, também ocorreram seletivas, para que fosse enviada uma representante do município para a capital. O jornal *A Noite* destaca, como poderemos ver abaixo, que Campina Grande foi o único município do interior a participar do evento de beleza, em seleção municipal realizada no dia 12 de março daquele ano:

**Campina Grande contribui valorosamente para o êxito do concurso**

PARAHYBA, 12 (Serviço Especial, A NOITE) - No interior do Estado, Campina Grande foi o único município, onde, apesar da exiguidade do tempo, o concurso atingiu o maior brilho e entusiasmo. O resultado pode ver-se pela votação, demonstra o interesse e entusiasmo da população.

A apuração é a seguinte: Francisquinha Guedes, 3.217; Maria Neves Chateabriand, 1.923; Coey Silva, 1.206 votos (A NOITE, 13 mar. 1929, p.4).

Passados os dias 11 e 12, após a apuração dos votos da capital e de Campina Grande em 15 de março, no Sport Club Cabo Branco, foi realizado um baile para a escolha da Miss Parahyba do Norte - 1929. Da capital, a escolhida foi a senhorita Hilda Netto, e de Campina Grande, a eleita foi a senhorita Francisquinha Guedes.

O júri do concurso foi composto por nomes importantes da vida social paraibana. Estiveram presentes os senhores Joaquim Verron, Octacillio Albuquerque, Dias Junior, Athenos Navarro, Samuel Duarte, professor Coriolano Medeiros e o pintor Olívio Pinto. Da disputa entre Campina Grande e a capital, a vencedora do Miss Parahyba - 1929 foi a senhorita Hilda Netto. Abaixo, consta a nota publicada por *A Noite* relatando o evento:

### **Uma festa em homenagem a “Miss Parahyba”**

PARAHYBA, 15 (Serviço especial da A NOITE) - O Sport Club Cabo Branco promoveu uma grande festa em honra de “Miss Parahyba”, em sua sede, onde está reunido o jury, composto dos Drs. Joaquim Verron, Octacillio Albuquerque, Dias Junior, Ahtemos Navarro, Samuel Duarte, professore Coriolano Medeiros e pintor Olívio Pinto, para resolver qual será a senhorita digna do título de “Miss Parahyba”.

Reina grande ansiedade em saber o resultado da eleição, que será divulgado amanhã.

Variam as opiniões sobre as probabilidades das candidatas à victorin, se será de Parahyba, se de Campina Grande (A NOITE, 15 mar. 1929, p.1).

Era lógico, ainda mais naquela época de tensões entre adversários políticos, que a candidata apta a vencer o concurso de beleza desde a seleção municipal na cidade da Parahyba seria a senhorita Eimar Pinto Pessoa. Mas, o jornal *O Norte*, em oposição a João Pessoa, não deveria facilitar o título à eleita Miss, a senhorita Hilda Netto, pois ela se encontrava ligada à família do presidente de Estado, sendo, portanto, a candidata dos aliancistas. Para os perrepistas, esta vitória foi algo inexplicável. Mesmo sendo pressionado pelos perrepistas, o jornal permitiu a vitória da candidata adversária.

O fato que não ficou explícito na época foi que, conforme Leal (2003, p. 78), “o presidente João Pessoa foi pessoalmente ao clube (Sport Club Cabo Branco) exigir que sua candidata - Hilda Netto - fosse a eleita”. Eis a possível explicação para a vitória daquela candidata.

Três dias após a vitória da candidata do presidente João Pessoa, em 18 de março de 1929 foi realizado em homenagem à senhorita Hilda Netto uma festa no Astréa Club, que, segundo o jornalista Wills Leal (2003, p. 61), “[...] desfilou no clube Ástrea, com faixa e coroa”, como registrou o jornal *A Noite*:

### **Realisou-se no “Astréa Club” uma festa dedicada a “Miss Parahyba”**

PARAHYBA, 18 (A.A.) - Realusou-se, Club Astréa, imponente baile homenagem a “Miss Parahyba”, senhorita Hilda Netto, que vao concorrer ao concurso de “Miss Brasil”, instituído pela A NOITE, do Rio de Janeiro (A NOITE, 18 mar. 1929, p.2).



**FIGURA 15:** Senhorita Hilda Netto, no concurso de beleza Miss Parahyba – 1922.



**Fonte:** Leal (2003, p.10).

Conforme regulamento do concurso, a candidata eleita Miss Parahyba do Norte -1929 deveria receber do jornal *O Norte* passagens de navio para que ela e seus acompanhantes embarcassem para a capital no Rio de Janeiro, a fim de que a Miss paraibana participasse da etapa nacional do concurso de Miss Brasil -1929. Entretanto, quando a senhorita Hilda Netto se dirigiu à redação do jornal em busca de suas passagens, por meio de explicações do jornal *O Norte*, que não ficaram explícitas, não as conseguiu.

Mais uma vez, o jogo do poder político entre aliancistas e perrepistas entrou em cena e estes conseguiram anular o concurso e a vitória da candidata Hilda Netto. “Informaram aos organizadores do Miss Brasil no Rio de Janeiro que houve fraude no concurso estadual” (LEAL, 2003, p. 61).

Provavelmente, a ausência do nome da Miss Parahyba do Norte e a própria ausência da Miss no embarque de navio do Recife, com a Miss Pernambuco e a Miss Alagoas para o Rio de Janeiro no dia 26 de março de 1929 tenha relação com a anulação da vitória da senhorita Hilda Netto. Uma nota publicada no dia 26 no jornal *A Noite* afirma que assim que as candidatas nordestinas chegarem à capital, “Ser-lhe-as oferecido, no hotel central, um



almoço pelo Sr. Leopoldo Fróes. ‘Miss Parahyba’ não seguirá neste vapor por impossibilidade de fazê-lo” (A NOITE, 26 mar. 1929, p.3).

De forma semelhante, foi publicada nota pelo mesmo jornal no dia 2 de abril daquele ano, que apenas no dia 5 de abril a “Miss Parahyba” (sem nome) iria embarcar do Recife “[...] a fim de tomar parte no julgamento final do grande pleito, no Rio” (A NOITE, 2 abr. 1929, p.3).

Acreditamos que a impossibilidade do embarque da Miss Parahyba do Norte - sem nome - existiu justamente porque, naquele momento, em meio a acusações de fraude por parte dos perrepistas e à anulação do título da candidata de João Pessoa, o Estado da Paraíba teria ficado sem uma Miss. Impasse que aparentemente foi resolvido no dia 3 de abril, como mostra nota publicada pelo jornal *A Noite*, do dia 4 daquele mês:

Eimar Pinto Pessoa proclamada Miss “Parahyba”

PARAHYBA, 3 (Serviço especial de A NOITE) - O concurso de beleza nesta cidade voltou a empolgar os espíritos.

Foi eleita a senhorita Eimar Pinto Pessoa por 587 votos, tendo a senhorita Hilda Netto 537.

O jury foi constituído de pessoas da mais alta responsabilidade. A senhorita Eimar Pinto Pessoa eleita “Miss Parahyba” segue amanhã às 20 horas para Recife onde entrará a bordo do paquete Raul Soares (A NOITE, 4 abr. 1929, p.3).

O que nos causa curiosidade é o fato de que, em nenhuma edição do jornal *A Noite* sobre a cobertura do evento, foi publicada nota da acusação de fraude dos perrepistas, o que nos leva a perguntar se este não o teria feito, a fim de evitar “escândalos” no concurso, uma vez que o próprio jornal foi responsável pela organização do evento de beleza.

Indiretamente, a nota do jornal citada acima nos mostra que foi realizado um outro concurso, em que a candidata de Campina Grande, Francisquinha Guedes, foi esquecida, pois, em seu lugar, ficou a senhorita Eimar Pinto Pessoa, escolhida como a nova Miss Parahyba do Norte -1929.

Outro fato que nos chama a atenção é a preocupação do jornal em afirmar que as pessoas que compõem o júri são da mais alta idoneidade, provavelmente mais uma tentativa de não abalar a boa imagem do concurso,

que ficou comprometida na Paraíba graças às adversidades político-partidárias entre aliancistas e perrepistas.

Nos dias 5, 6, 8 e 10 de abril de 1929, foram publicadas notas no jornal *A Noite* de enaltecimento à vitória da senhorita Eimar Pinto Pessoa. A nota do dia 10 daquele mês merece atenção, pois revela que a nova Miss Parahyba do Norte era sobrinha do famoso pintor paraibano Pedro Américo, fato que reforça seu lugar social de prestígio na sociedade paraibana. Outro fato intrigante é que foi das mãos dos senhores Eddesio Silva e Adherbal Piragibe, diretores do jornal *Correio da Manhã*, jornal aliancista, como citando anteriormente, que a senhorita Eimar Pinto Pessoa recebeu a ata do concurso, que serviu de diploma para sua representação no concurso de Miss na capital do país.

**FIGURA 16:** Senhorita Eimar Pinto Pessoa, candidata a Miss Parahyba do Norte -1929.



**Fonte:** Jornal *A Noite*, edição de 14 mar. 1929.

Nesta fotografia, a senhorita Eimar Pinto Pessoa aparece como candidata a Miss Parahyba do Norte - 1929. Sua estética se alinhava à moda dos cabelos curtos, ficando evidente o cuidado na expressão em manter serenidade, pré-requisito exigido do comportamento feminino na época.

Finalmente, no dia 12 de abril daquele ano, a senhorita Eimar Pinto Pessoa, oficialmente Miss Parahyba do Norte -1929, chegou a bordo do navio Raul Soares, no Rio de Janeiro, para participar da etapa nacional do concurso. A Miss, segundo nota publicada por *A Noite*, chegou por volta das 9 horas na capital, acompanhada de seus tios, os generais Olavo Pinto Pessoa, Feliciano Pinto Pessoa e José Pinto Pessoa, e da senhorita Heloisa Pinto Pessoa, seguindo junto a estudantes paraibanos entusiasmados que moravam na capital para a redação do jornal *A Noite*.

**FIGURA 17:** Eimar Pinto Pessoa em companhia de seus familiares, integrantes do jornal *A Noite* e admiradores, em sua chegada ao Rio de Janeiro.



**Fonte:** Jornal *A Noite*,  
edição de 12 abr. 1922.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos, ao término desta pesquisa, perceber quão importante foi a abordagem dos concursos de Miss ocorridos na Paraíba ao longo da década de 1920, uma vez relacionados com o campo da política.

Ao articular o tema da pesquisa com o contexto histórico mais amplo, isto é, a modernidade das primeiras décadas do século XX no Brasil, a fotografia, bem como os discursos médicos higienistas, propagam a saúde, a juventude e a beleza, serão responsáveis pelo início dos primeiros concursos de beleza no Brasil, organizados pelos jornais ou pelas modernas revistas ilustradas, em meio a seus anúncios de cosméticos e remédios, que passaram a ser consumidos pelo homem e pela mulher da década de 1920 como uma forma moderna de cuidar do corpo.

Aqui na Paraíba, sob o discurso da modernidade, os concursos de Miss dos anos de 1922 a 1929 foram espaços determinantes de uma estética e de um comportamento para a mulher paraibana, mas também se mostram como eventos políticos. O primeiro, de 1922, foi associado à festa do Centenário da Independência, que buscou projetar a Paraíba para o cenário nacional como Estado moderno e bem desenvolvido. Já o segundo, de 1929, apresenta a disputa político-partidária entre aliancistas e perrepistas pelo poder local na Paraíba, disputa que um ano depois contribuiu para a Revolta de Princesa e a Revolução de 1930.

Em meio a este jogo da política, foi possível encontrar o nome da família Pessoa sempre vinculado aos concursos de Miss, fato que apenas comprova a influência do poder desta família na Paraíba. Aliás, as candidatas nos concursos de beleza eram moças pertencentes às famílias da elite paraibana. O corpo de jurados dos concursos aqui estudados era composto por homens importantes da política e da literatura paraibana, que julgaram a beleza destas moças da elite, fabricando discursos que erigiram uma estética para a mulher paraibana, ora a Vênus de Milo, padrão europeu de beleza, como na fala de José Américo de Almeida no concurso de Miss Parahyba do Norte -1922, ora a beleza tropical do poeta desconhecido, que associa a paisagem do sertão nordestino à beleza da senhorita Eimar Pinto Pessoa, Miss Parahyba do Norte -1929.

Por todos os motivos apontados aqui, afirmamos que, para além da estética, os concursos de Miss Parahyba do Norte ocorridos entre os anos de 1922 e 1929 foram espaços onde o poder e a política envolveram práticas de sociabilidade entre as famílias pertencentes à elite paraibana, que propagavam seus ideais de comportamento e valores.

A política que envolveu os concursos de Miss ocorridos na Paraíba ao longo da década de 1920 vai continuar, embora não com as mesmas engrenagens, presente nos concursos de beleza realizados no Estado nas décadas seguintes. Principalmente a partir da década de 1950, quando os concursos passam a ser oficiais, ocorrendo de forma regular todos os anos.

Sob um novo formato, em um outro contexto, com outros sujeitos envolvidos, mas, ainda assim, vendo para além da beleza, pretendemos continuar nossa pesquisa, olhando para os concursos de beleza sob um outro ângulo, pois aqui, em meio a jogos de interesses, ela (a beleza) torna-se fundamental!

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Alômia. Paraíba mulher-macho: tessituras de gênero, (desa)fos da História (Paraíba século XX). 2008. 254f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

\_\_\_\_\_. Femini(ci)dade: a cidade, o feminino e o ambíguo (Parahyba, 1920). In: ANDRADE, Andreza Oliveira de et al. (Orgs.) **Feminismo, gênero e sexualidade**: diálogos contemporâneos. Mossoró, RN: Edições UERN, 2016.

AIRES, José Luciano de Queiroz. O mito da Revolução de 1930 na Paraíba: uma construção histórico-cultural. In: \_\_\_\_\_. **A fabricação do mito João Pessoa**: batalhas de memórias na Paraíba (1930-1945). Campina Grande, PB: EDUFCG, 2013. p. 40-116.

BATISTA, Ana Maria Fonseca de Oliveira. O gênero, “a beleza”. In: \_\_\_\_\_. **Miss Universo**: um olhar antropológico. Florianópolis: Insular, 2013a. p.57-60.

\_\_\_\_\_. Concepções de beleza no Miss Universo como espaço de construção de gênero. In: \_\_\_\_\_. **Miss Universo**: um olhar antropológico. Florianópolis: Insular, 2013b. p.158- 162.

\_\_\_\_\_. **O telefone sem fio, a sobrinha do presidente e as duas polegadas a mais**: concepções de beleza no concurso Miss Universo. 1997. 246f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/77026/107021.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mai. 2015.

CAIXETA, Rodrigo Fonseca. **Concurso de beleza e socialização feminina nos “anos dourados”**. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

CANÇADO, Adriana Mello. Majestades da cidade princesa: concurso Rainha Da soja de Ponta Grossa, Paraná (1970-1980). 2008.319 f. Tese (Doutorado em História) Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Paraná. 2008.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA; Solange Ferraz de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 29-60.

COHEN, Coleen Ballerino. **Beauty Queens on the Global Stage**: gender, contests and Power. New York: Psychology Press, 1996.

FERRAZ, José Ricardo. Ninguém nasce bela, torna-se bela: Miss Brasil: Beleza e Gênero (1950-1980). In: **Dossiê Transversos**: O corpo na História e



a História do Corpo, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, ano 2, p.74-85, dez. 2015.  
Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2015.19798. Acesso em: 15 jan. 2016.

GOLÇALVES, Andréa Lisly. **Historia & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (História... & Reflexões, 9).

LEAL, Wills. Primeira Miss Paraíba era casada, de família muito rica e tinha uma filha. In: \_\_\_\_\_. **Elas só citavam o pequeno príncipe: a história dos concursos de Miss Brasil e Miss Paraíba**. João Pessoa: Copyright de Wills, 2003a. p. 53-66.

\_\_\_\_\_. Jurados, indefinições de critérios e as reações antagônicas do público. In: \_\_\_\_\_. **Elas só citavam o pequeno príncipe: a história dos concursos de Miss Brasil e Miss Paraíba**. João Pessoa: Copyright de Wills, 2003b. p. 77-84.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do “gênero”. In: \_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a. p. 18-40.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e poder. In: \_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b. p. 41-60.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-154.

MORAIS, Fabrício de Souza. As comemorações esportivas do centenário da Independência ou quando o futebol virou coisa séria. In: ABRANTES, Alômia; SANTOS NETO, Martinho Guedes (Orgs.). **Outras Histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010, p. 135-162 (v. 1).

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 1: a era dos modelos rígidos. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.) **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p.475-480.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Políticas do Corpo**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-130.

\_\_\_\_\_. “Sempre Bela”. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 105-110.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano: Astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a, p.

7-48. (História da vida privada no Brasil; 3. Coleção dirigida por Fernando A. Novais).

\_\_\_\_\_. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Brasil. In: In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História da vida privada no Brasil República:** da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b, p. 514-641. (História da vida privada no Brasil; 3. Coleção dirigida por Fernando A. Novais).

VARELA, Dinarte. A Revolução de 1930 e os artefatos culturais. In: ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos (Orgs.) **Outras histórias:** cultura e poder na Paraíba (1889-1930). João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010. p. 213-231.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra a mulher. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

## FONTES

### FONTES CONSULTADAS

#### 01.FONTES

##### 1.1 Fontes digitalizadas consultadas

###### 1.1.1 Revistas

Jornais e folhetins literários da Paraíba do século 19. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/eranova1922.html>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

ERA NOVA, ano II, n. 24, 15 abril, 1922.

\_\_\_\_\_, ano II, n.25- 26, 01 a 15 maio.1922.

\_\_\_\_\_, ano II, n. 27-28, 01 a 15 jun.1922.

\_\_\_\_\_, ano II, n. 29-30, 01 a 15 jul. 1922.

\_\_\_\_\_, ano II, n. 31-32, 01-15 ago. 1922.

\_\_\_\_\_, ano II, n. 33, 01 set. 1922.

\_\_\_\_\_, ano II, n. 34-35, 01 a 15 out. 1922.

\_\_\_\_\_, ano II, n. 36-37, 01 a 15 nov. 1922.

\_\_\_\_\_, ano II, n. 38, 01, dez. 1922.



ERA NOVA, Edição do Centenário, Festas Centenárias, ano II, 1922.

\_\_\_\_\_, Edição do Centenário, As Rainhas da Formosura, ano II, 1922.

\_\_\_\_\_, Edição do Centenário, As Rainhas da Formosura, ano II, 1922.

\_\_\_\_\_, Edição do Centenário, Dr. Epitácio Silva Pessoa, ano II, 1922.

\_\_\_\_\_, Edição Do Centenário, Dr. Solon Barbosa De Lucena, ano II, 1922.

### 1.1.2 Jornais

A NOITE. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/artigos/a-noite/>>. Acesso em: 01 mai. 2016.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.14, 7 mar. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.18, 11 mar. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.220, 13 mar. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6. 221, 14 mar. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6. 222, 15 mar. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.225, 18 mar. 1929

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.233, 26 mar. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.239, 02 abr. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.241, 4 abr. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.249, 12 abr. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.309, 12 jun. 1929.

A NOITE, Edição Especial, ano XIX, n. 6. 244, 8 abr. 1929.

A NOITE, ano XIX, n. 6.245, 8 abr. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.246, 9 abr. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6. 247, 10 abr. 1929.

\_\_\_\_\_, ano XIX, n. 6.251, 15 abr. 1929.

